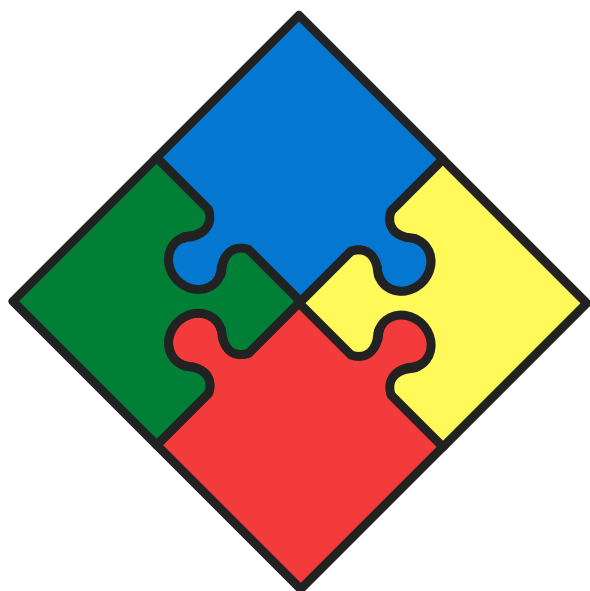


*Curso de Extensão SAE em
tempos de Pandemia*



CADERNO DE EXPERIÊNCIAS E RELATOS



UFPEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Créditos

Reitora da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Isabela Fernandes Andrade

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPeI

Eraldo dos Santos Pinheiro

Coordenador do Instituto de Biologia da UFPeI

Luis Fernando Minello

Coordenadora Geral dos Cursos de Serviço em Atendimento Educacional Especializado da UFPeI

Rita de Cássia Morem Cássio Rodriguez

Coordenadoras Ajuntas dos Cursos de Serviço em Atendimento Educacional Especializado da UFPeI

Francele de Abreu Carlan

Raquel Lüdtke

Equipe do Curso de Extensão de Serviço em Atendimento Educacional Especializado em Tempos de Pandemia

Pesquisadora

Maria Teresa Duarte Nogueira

Supervisor

Murillo Magno Thumlert

Editora

Anna Beatriz Cipriano Brasileiro Jacinto

Revisão Linguística

Francele de Abreu Carlan

CURSO DE EXTENSÃO
SAEE EM TEMPOS DE
PANDEMIA

Créditos

Equipe Técnica dos Cursos de Serviço em Atendimento Educacional Especializado da UFPel

Design Educacional

Fabiane Beletti da Silva

Landressa Rita Schiefelbein

Diagramação

Fabiane Beletti da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U58 Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).
Curso de Extensão de Serviço em Atendimento Educacional Especializado em Tempos de Pandemia : caderno de experiências e relatos [recurso eletrônico] / Universidade Federal de Pelotas. — Pelotas : UFPEL, 2021.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-89369-04-2

1. Pessoas com deficiência física - Educação.
2. Educação especial. 3. Educação inclusiva. 4. Inclusão escolar. 5. Educação e Estado. I. Título.

CDD 371.9

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

Obra financiada pela Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (SEMESP)



CURSO DE EXTENSÃO
SAEE EM TEMPOS DE
PANDEMIA

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Apresentação | 05 |
| Introdução | 07 |
| Perfil de Destaque | 09 |
| Artigo Especial | 14 |
| Seção das Formadoras | 22 |
| Seção das Cursistas | 36 |
| Seção de Depoimentos das Cursistas | 75 |
| Apêndice 1 | 80 |



Apresentação

COORDENAÇÃO DO CURSO


Prezado(a) cursista(a),

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mais uma vez pactua com o Ministério da Educação (MEC), através da Diretoria de Educação Especial da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (SEMESP/MEC), para o oferecimento do Curso de Extensão em Atendimento Educacional Especializado em Tempos de Pandemia. O intuito do curso foi discutir os aspectos que envolvem o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no cenário pandêmico, através da formação continuada de professores da educação básica, numa perspectiva de atendimento à diversidade. O curso foi ofertado na modalidade EaD para 1000 professores de todo o território nacional.

Desde a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, promulgada no Brasil em 2009, entre outras legislações e ordenamentos legais importantes, o Estado brasileiro tem buscado, por meio da formulação de políticas públicas, garantir a autonomia e a ampliação do acesso à saúde, à educação e ao trabalho, entre outros, com o objetivo de melhorar as condições de vida das pessoas com deficiência.

Entretanto, em que pese as várias lutas travadas pela garantia de direitos para pessoas com deficiência, as conquistas e inovações importantes no contexto social e educacional alcançadas, visando superar desigualdades e eliminar barreiras que impedem ou dificultam a inclusão, compreende-se que ainda é preciso avançar, principalmente na perspectiva da Educação Inclusiva, em que o Atendimento Educacional Especializado vem a contribuir de forma significativa. Pertencimento, cidadania e inclusão são caminhos a serem buscados e cujas reflexões se ampliam no momento em que a pandemia evidencia, ainda mais, suas emergências.

RITA CÓSSIO RODRIGUEZ
MARIA TERESA NOGUEIRA





Apresentação

COORDENAÇÃO DO CURSO

Para tanto, aproximar professores, experiências, buscas e conhecimentos construídos ao longo deste período de pandemia, ampliando alternativas e debatendo possibilidades, torna-se fundamental. Assim, através da oferta de educação continuada, buscou-se a valorização de experiências pedagógicas, bem como o estabelecimento de diálogos que colocassem professores, formadores e demais participantes em permanente interação, apoio e aprendizado colaborativo e coletivo. Neste sentido, o curso objetivou refletir sobre programas e práticas que atendam a diversidade, revendo ordenamentos, políticas públicas e práticas para o AEE no contexto da escola inclusiva em tempos de pandemia, bem como referenciais teóricos tais como Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), uso de tecnologias, identificação e avaliação dos percursos dos alunos, entre outras temáticas. Possibilitou, ainda, a construção de materiais didáticos, referenciadores das propostas desenvolvidas no curso e também propondo subsidiar práticas inovadoras posteriores. Enfim, a formação viabilizou a troca de saberes, experiências e materiais entre os cursistas, culminando na socialização das produções por meio de publicações, incluindo as que estão apresentadas neste material.

Nesta coletânea, o leitor irá inicialmente encontrar artigos de algumas das formadoras do Curso de Extensão em AEE em Tempos de Pandemia, no qual discorrem sobre conceitos e práticas para o AEE, Tecnologia Assistiva, Metodologias e Recursos Adaptados no contexto pandêmico e sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem. Na segunda parte, estão apresentadas diversos relatos das cursistas com suas percepções do curso e do momento atual.

Assim, esta publicação visa a socialização de mais um esforço coletivo para proporcionar qualidade de vida às pessoas com deficiência, em especial aos nossos (as) estudantes da rede de AEE de todo o território nacional.

RITA CÓSSIO RODRIGUEZ
MARIA TERESA NOGUEIRA



Contextualização do cenário mundial atual

O ano de 2020 entrou para a história de maneira inesperada e surpreendente. Não poderíamos prever um ano inteiro de confinamento social, aulas integralmente virtuais, uso obrigatório de máscaras de proteção, aferição de temperatura na entrada de estabelecimentos e um trágico gráfico de contaminação viral que deixou de luto milhões de pessoas pelo mundo e isolou milhares de estudantes e suas famílias, assim como professores e demais profissionais da educação.

Concluimos uma década com inúmeros aprendizados, experiências inesperadas, hábitos repensados, relações reavaliadas e conhecimentos adquiridos outrora tão distantes da realidade da maioria. Percebemos que por tanto tempo fomos negligentes, e até mesmo inocentes, em relação à segurança do que consumimos, dos ambientes compartilhados e dos modelos e possibilidades de ensino e trabalho que desenvolvemos e cultivamos ao longo dos anos.

De maneira semelhante, fomos surpreendidos pela nossa constante competência criativa de ressignificar tanto em tão pouco tempo. Como parte integrante de um mundo globalizado, nos deparamos com um novo cenário em que tivemos que, de maneira tão abrupta, aprender a lidar com novas tecnologias e novos hábitos cotidianos para preservar a saúde do todo. Como nação brasileira, estas talvez tenham sido mudanças duplamente desafiadoras, uma vez que somos inevitavelmente um povo que valoriza o acolhimento e o convívio social acalorado.

As práticas intervencionistas da educação especial baseiam-se em evidências científicas e valorização dos percursos formativos e dos projetos de vida dos educandos com impedimentos de longa duração, severos ou graves, que demandam atendimentos múltiplos e contínuos.

Desta forma o Curso de Extensão em Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Tempos de Pandemia trouxe grande contribuição e abriu diálogos importantes para que docentes e pesquisadores pudessem juntos desenvolver novas rotas e reflexões, com vistas ao aprimoramento de ferramentas capazes de minimizar as dificuldades enfrentadas pela pandemia da COVID-19.

A partir da descoberta de tantas soluções tecnológicas e da viabilização de recursos que em outros tempos ainda eram pouco exploradas na prática docente, por exemplo, temos a expectativa de que o ensino se torne cada vez mais acessível e inclusivo a todos os envolvidos com a educação de estudantes da educação especial em contexto de Atendimento Educacional Especializado – AEE.

Sabemos que é preciso continuamente prosseguir para encontrar caminhos estratégicos e sensíveis e, a cada dia, promover a distribuição equitativa de recursos por todo o país e apoiar o campo da pesquisa com vistas a consolidar novas metodologias de ensino de maneira inclusiva ao longo da vida.

Entraremos em um novo ano certos de que o desafio de continuar avançando em busca de novas rotas nos garantirá um futuro mais seguro.

Perfil de destaque

RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ



Licenciada em Biologia.

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Mestre e Doutora em Educação.

Pós-doutora em Estudos da Criança – área de concentração Educação Especial.

Docente Associada III na Universidade Federal de Pelotas

1. Quando e como surgiu o interesse em atuar na Educação Especial?

Iniciei a carreira no magistério em 1982, logo após concluir a graduação e já aprovada em concurso público. Porém, desde o início me instigava porque alunos apresentavam dificuldades para compreensão dos conceitos matemáticos e quais caminhos poderiam ser trilhados para oportunizar estas aprendizagens. Inicialmente, criava grupos de apoio, jogos, mas sentia que precisava mais, momento pelo qual passei a buscar complementações e formações continuadas.

No final dos anos 80, fui convidada a compor a equipe da coordenação pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Bagé/RS, inicialmente para as áreas de ciências e matemática, mas logo após, pelo interesse na área das dificuldades de aprendizagem e deficiências, passei a ser responsável pela organização e regularização do centro de atendimento aos alunos com deficiência e também das classes especiais do município, contando com apoio direto dos(as) professores(as) da Educação Especial e dos órgãos de apoio aos alunos com deficiência, onde pude iniciar os estudos e os entendimentos na área, até o momento não contemplados na formação inicial e continuada.

Nos anos 90, contratada como docente na universidade local, passei a integrar um grupo de pesquisa em educação, onde desenvolvíamos pesquisas em metodologias inovadoras para a educação básica e assessorias em municípios da região. Com o avanço destas pesquisas, a Universidade desafiou o núcleo de pesquisa a criar uma escola de aplicação, tendo como base as investigações realizadas.

Atuava no núcleo com as áreas de Ciências e Matemática, mas ao finalizar a especialização em Psicopedagogia, passei a desenvolver ações nas temáticas relacionadas às dificuldades e transtornos de aprendizagem.

Perfil de destaque

RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ

Em 1995 a escola de ensino fundamental proposta pela universidade e organizada pela equipe do núcleo de pesquisa foi inaugurada, com três turmas de primeira série. Nesta escola, além de assessorar como núcleo de pesquisa, passei a atuar nos planejamentos e ações pedagógicas, mas também na criação do atendimento psicopedagógico, orientação e apoio ao desenvolvimento dos alunos.

O sucesso foi tanto neste primeiro ano de funcionamento, onde tivemos 100% de alfabetização dos alunos das três turmas, que no ano seguinte, tivemos matrículas de alunos com surdez, paralisia cerebral, mielomeningocele, transtorno do espectro autista, síndrome de Down, baixa visão, entre outros.

Neste sentido, fomos novamente desafiadas a buscar caminhos para as aprendizagens dos alunos, organizando o processo de inclusão. Ainda sem muitas referências de como viabilizar a inclusão, buscamos referenciar o processo no modelo espanhol, mais especificamente na Catalunha, adaptando para a realidade brasileira. Estabelecemos em regimento e no projeto pedagógico o apoio em turno inverso, neste contexto em sala de psicopedagogia, as adaptações curriculares e planos de desenvolvimento individual, além de inserir na proposta da escola, que trabalhava a partir de projetos, as temáticas relacionadas a multiculturalidade e inclusão.

Definindo-se como Escola Inclusiva desde então, e ampliando o ingresso de alunos com deficiência, enfrentamos os desafios e estranhamentos que este início ainda desconhecido se colocou, mas também os encantamentos que este caminho nos proporcionou, principalmente em suas concretudes, tais como, inserir o ensino de Libras para todos os(as) alunos(as) e professores da escola, ampliar o apoio para o atendimento hospitalar e residencial, nos casos que assim demandavam, avançar nas pesquisas sobre desenvolvimento e processos metacognitivos, entre outros.

Neste íterim, passei a focar meu trabalho nos processos mentais e aprendizagem de pessoas com deficiência e transtornos de desenvolvimento, inclusão e psicopedagogia, sendo o foco dos estudos e da dissertação de mestrado concluída em 1999. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) colocou-se como o maior desafio, principalmente a Síndrome de Asperger e os desafios da docência, constituindo-se o foco da tese de doutorado, e posteriormente, do pós-doutoramento.

Em 2008, encerrando o ciclo da escola, e sendo aprovada em concurso para a UFPEL, a vida mudou de rumo, de cidade, mas não de foco, pois no mesmo ano criamos o núcleo de estudos e pesquisas em cognição e aprendizagem e seguimos o caminho antes iniciado.



Perfil de destaque

RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ

2. Há quanto tempo atua na área da educação especial e inclusão?

Na educação especial, atuei inicialmente na regularização das classes especiais e escola especial do município de Bagé, por atuar na secretaria municipal de educação. Contando com este tempo, 1986, até os dias de hoje, poderia computar como 34 anos, mas gosto de demarcar a atuação direta a partir de 1995, com a criação da escola, considerada por vários notáveis na área de educação, como uma das primeiras escolas inclusivas concretas e reais brasileiras, compondo então 25 anos de atuação na área.

3. Em quais instituições e projetos teve a oportunidade de atuar?

Secretaria Municipal de Educação de Bagé - 1986 a 1989.

Universidade da Região da Campanha - URCAMP - 1989 a 2008:

- Núcleo de Pesquisa em Educação e Humanidades.
- Escola de Ensino Fundamental da URCAMP, posteriormente denominada Escola de Ensino Fundamental Jean Piaget.
- Docência nos cursos de pedagogia, biologia, matemática, psicologia
- Coordenação de Ensino.
- Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão.

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS - de 2003 a 2008.

Universidade Federal de Pelotas - a partir de 2009:

- Núcleo de estudos e pesquisas em cognição e aprendizagem: processos mentais e aprendizagem de crianças com síndrome de Asperger; intervenção precoce com crianças que apresentam TEA; apoio ao centro de atendimento ao autista Dr Danilo Rolim de Moura; congresso luso-brasileiro sobre TEA e educação inclusiva; cursos de formação em gestão do desenvolvimento inclusivo na escola e de aperfeiçoamento em atendimento educacional especializado DI e DV, pactuados com o MEC e atualmente os cinco cursos pactuados com o MEC.

- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPEL - 2017 a 2020.

Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática - linha de metodologias e recursos; linha de formação de professores.

Perfil de destaque

RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ

4. Ao longo desses anos, quais foram os maiores desafios do AEE e como avalia o cenário atual?

Quando penso em desafios, vários pontos considero. Primeiro, a compreensão do que seja o Atendimento Educacional Especializado, o papel da escola, dos gestores, dos profissionais de apoio, dos professores da sala comum, dos pais e dos demais profissionais que atendem os alunos. Confundem o espaço escolar, pedagógico, com atendimento clínico. Ao mesmo tempo, atribuem ao AEE todo o trabalho.

Percebo que a inclusão e o direito a estar na escola não são mais questionados como no início da nossa caminhada. A legislação avançou muito e contempla as principais questões relacionadas à educação inclusiva, sejam os acordos os quais o Brasil é signatário, quanto as que foram definidas a partir da Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e etc, mas o que ainda precisamos avançar refere-se à concretização desta inclusão, o que passa pela formação, pela organização dos sistemas e principalmente pela efetivação das ações.

5. Após anos atuando na Educação, quais são as maiores diferenças percebidas nos alunos na última década? A forma como se comportam hoje se apresenta muito distinta diante do acesso à tecnologia do que há 10 anos atrás?

Os alunos são diversos sim, muitos já têm acesso à tecnologia, assim como às informações. Isso se dá pela mudança da sociedade e na ampliação do acesso, mas também considero que como resultante da própria educação inclusiva. Por exemplo, se hoje temos alunos ingressando e cursando o ensino superior, é porque o processo iniciado na educação básica, anos atrás, oportunizou as aprendizagens, as vivências e as conquistas que hoje são beneficiários.

6. Em tempos de pandemia, como pode perceber a atuação do corpo docente diante da sensibilidade do AEE frente às necessidades tecnológicas?

Constato o esforço de muitos docentes em desenvolver atividades para todos(as) os(as) alunos(as) das turmas, mesmo em contexto remoto, planejando de forma colaborativa com os professores de AEE, mas também temos relatos de professores do AEE que somente eles estão trabalhando com os alunos, assim como da constatação sobre as dificuldades de acesso de muitos alunos as tecnologias, por não contar com redes de Internet e com equipamentos próprios.

Perfil de destaque

RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ

Inúmeros professores produzem atividades impressas e levam até os(as) alunos(as), como forma de manter o envolvimento. Porém, podemos analisar que os alunos que estão realizando as atividades de forma mais intensa e integral são relativamente poucos, o que nos leva a pensar em formas de complementar ou apoiar quando do retorno ao ensino presencial.

Os professores relatam dificuldades em propor atividades para alunos que ainda não haviam realizado avaliações e contatos, enquanto o ensino ainda estava presencial, mas mencionam que estão buscando formas alternativas também para poder realizar o estudo de caso e os planejamentos de AEE.

7. Para o futuro, quais são as expectativas a partir dos aprendizados já absorvidos e das soluções já apresentadas? Como os profissionais que atuam no Atendimento Educacional Especializado podem se preparar para os próximos passos pós-pandemia?

Inúmeras aprendizagens adquiridas no período da pandemia considero que serão importantes também quando retornarmos ao ensino presencial, principalmente na criação de alternativas inovadoras.

Por outro lado, vamos enfrentar vários desafios. Entre eles destaco, a retomada dos processos de adaptação do(a) aluno(a) à escola, aos colegas e ao ritmo escolar; a superação das dificuldades emocionais vividas neste período; a aprendizagem dos conceitos não alcançados; a compensação nas áreas não trabalhadas neste período; as dificuldades que as famílias poderão ter com situações financeiras e pessoais resultantes da pandemia.

Por agora, ainda a dúvida de quando retornaremos e como faremos, pois, se ainda tivermos o distanciamento, uso de máscara e etc, será preciso ensinar estes procedimentos, o que poderá ser complexo para alguns(as) alunos(as). Enfim, novos tempos, novos desafios, que ainda não temos a dimensão de como serão e como superá-los totalmente, mas como em tudo que tenho vivido e realizado, coloco: "caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar. (Antonio Machado)", então, vamos caminhar e construir este caminho ao andar.



Artigo especial:

DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM



Introdução

O Desenho Universal da Aprendizagem (DUA) foi desenvolvido em meados de 1999 por David Rose, Anne Meyer e demais colegas do Center for Applied Special Technology (CAST), Massachusetts, nos Estados Unidos (ZERBATO; MENDES, 2018).

Originou-se do conceito de Desenho Universal, criado por Ronald L. Mace, que desenvolveu métodos que garantissem a possibilidade de qualquer pessoa, com ou sem deficiência, ter acesso, mobilidade e permanência em todos os espaços.

No Brasil, o DUA está preconizado na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), n.º 13.146, de 06 de julho de 2015, e a sua criação foi baseada na “Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência”.

A LBI assegura uma educação inclusiva em que sejam promovidas as potencialidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais do aluno, de acordo com os seus interesses e necessidades educacionais (BRASIL, 2015).

O objetivo deste texto é conceituar o DUA, apresentar os princípios e as práticas educativas que permeiam esta metodologia de trabalho.

Desenvolvimento

O DUA consiste em potencializar as capacidades e oportunidades de aprendizagem de todos os alunos. Além disso, auxiliar os educadores e demais profissionais a adotarem metodologias de aprendizagem que sejam adequadas, eficientes e ajustadas para a promoção do desenvolvimento de todos os alunos. Por isso, autores como Piaget, Vygotsky, Bruner e Bloom são utilizados como base para os conhecimentos do processo de ensino e aprendizagem (CAST, 2011; ZERBATO; MENDES, 2018).

Artigo especial:

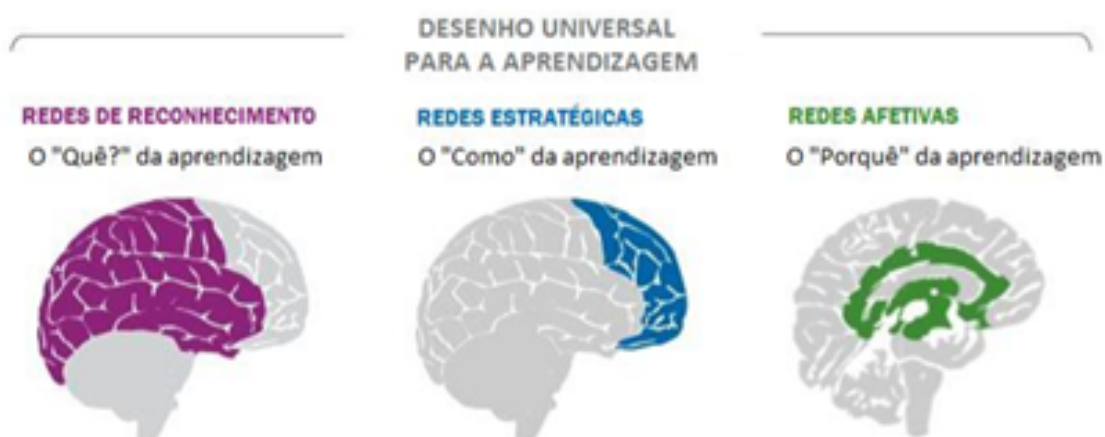
DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM

O ensino é personalizado, partindo das dificuldades e potencialidades dos alunos. Os professores utilizam estratégias pedagógicas diferenciadas para ampliar a inclusão acadêmica e social do aluno. O seu trabalho continuará a ser a inclusão do aluno que possui a diferenciação pedagógica nos grupos dos seus pares em situações de aprendizagem, entretanto, atenderá às suas diferenças individuais (PLETSCH; SOUZA; ORLEANS, 2017).

O DUA utiliza o conhecimento científico para desenvolver adequadamente estas estratégias de ensino. Ao pormenor, o DUA pode ser compreendido segundo Cast (2013):

- **Desenho:** define-se como a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem utilizados por todas as pessoas, incluindo os recursos de Tecnologia Assistiva.
- **Universal:** o currículo pedagógico deve compreender todos os alunos, desta forma deve ser flexível. As investigações demonstram que as pessoas aprendem de maneiras diferentes, de acordo com as suas potencialidades, necessidades e interesses.
- **Aprendizagem:** a Neurociência explica que o cérebro possui três áreas que possibilitam a aprendizagem, como sejam, redes afetivas, redes de reconhecimento e redes estratégicas (Imagem 1).

Imagem 1 - áreas cerebrais da aprendizagem.



Os neurocientistas descobriram que o cérebro cria uma lógica neurobiológica para moldar e comunicar os objetivos que se pretende alcançar em uma atividade. Para a atividade ser desenvolvida o cérebro precisa emitir comandos específicos a cada área do corpo. A medida que esta atividade se torna corriqueira, se estabelece uma rede neuronal. Para que essa rede neural seja alterada, o cérebro precisa assumir novos desafios por meio de estratégias baseadas em objetivos claros para que se cumpram as metas (MEYER, 2014).

Ao aplicarmos este conceito ao ensino, podemos transformá-lo em atividades propostas pelos educadores que contenham informações daquilo que devem fazer, como fazer e porquê é importante fazer. Quando os alunos percebem os objetivos dos trabalhos escolares abrem-se as possibilidades de manter o foco, monitorizar o seu progresso e finalizar aquilo que foi proposto (COSTA-RENDERS; AMARAL; OLIVEIRA, 2020).

De acordo com o CAST (2018), esta metodologia percebe as dificuldades sentidas em sala de aula como janelas de oportunidades para o sucesso dos alunos. Dispõe de três princípios que suportam as orientações para a prática em sala de aula, como sejam, múltiplos significados de representação, múltiplos significados de ação e expressão e múltiplos significados de envolvimento (Imagem 2).

Para proporcionar múltiplos significados de representação o professor deve utilizar múltiplos meios ao lecionar o ensino e conceber os currículos para facilitar a aprendizagem. Ao fornecer os conteúdos de maneiras diferentes, o professor poderá ajudar os alunos a desenvolverem conhecimentos disciplinares importantes e diferentes maneiras de pensar sobre os conteúdos (UNICEF, 2014).

Estas estratégias podem ser implementadas sem tecnologia, com baixa tecnologia ou com alta tecnologia. Geralmente, o DUA utiliza recursos gratuitos e tecnologia de baixo custo, pois possibilitam a aprendizagem de todos os alunos (CAST, 2018).

Para proporcionar múltiplos significados de ação e expressão, o currículo deve ser concebido de maneira que os alunos gerenciem e expressem as suas aprendizagens, bem como o desenvolvimento de habilidades como resultado da disciplina estudada (UNICEF, 2014).

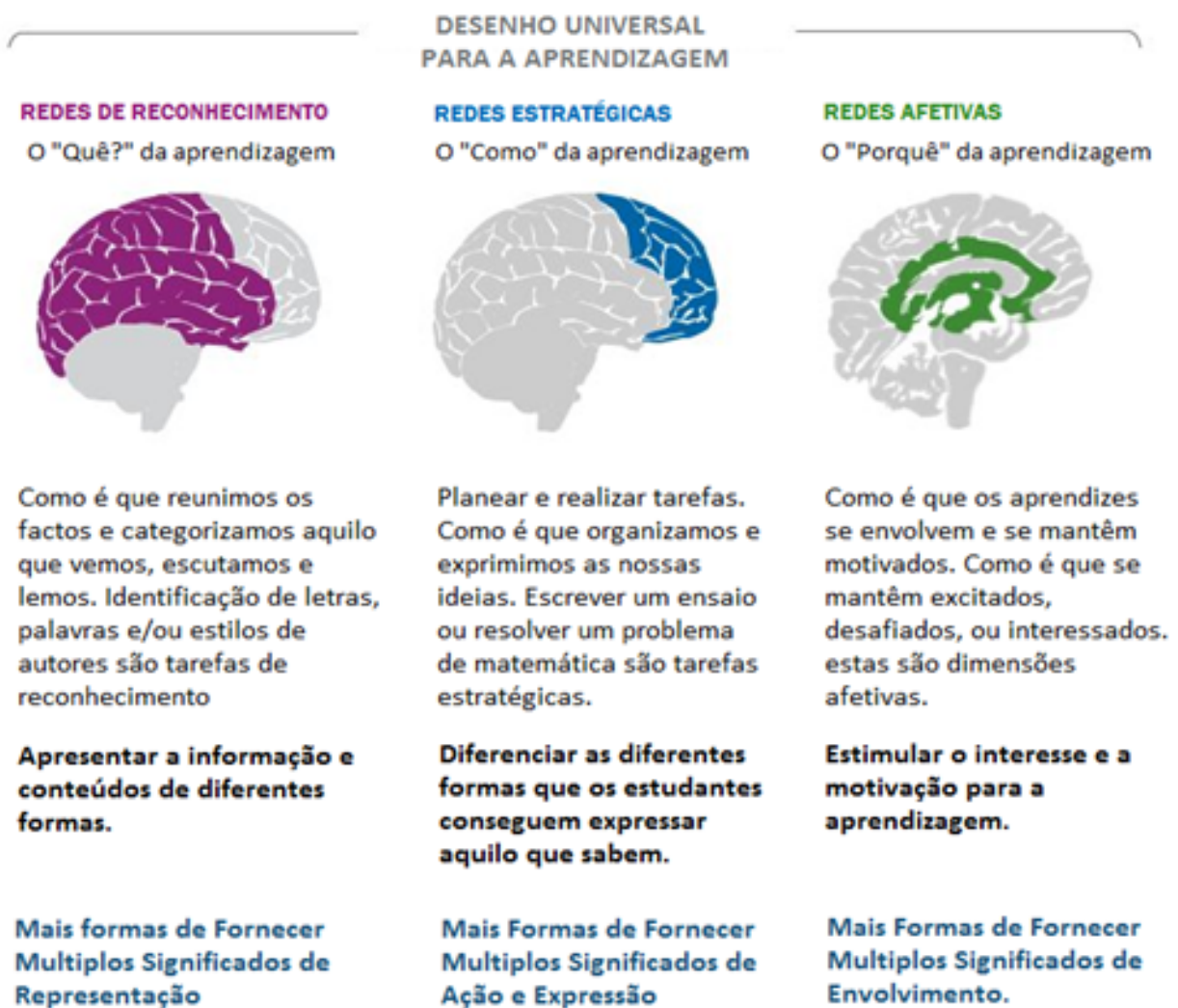
Para proporcionar múltiplos significados de envolvimento, o professor deve envolver todos os alunos nos processos de aprendizagem, de forma que todos se sintam motivados e alcancem o sucesso acadêmico e pessoal (UNICEF, 2014).

Artigo especial:

DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM

Ao construir diferentes oportunidades de envolvimento, o professor poderá ajudar os alunos a perceber a relevância do conhecimento da disciplina nas suas vidas acadêmicas, profissionais e pessoais (CAST, 2018).

Imagem 2 - descrição dos princípios do DUA.



Artigo especial:

DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM

A implementação das práticas pedagógicas do DUA em sala de aula obedece a uma flexibilização do currículo pedagógico, pois requer a sua personalização de acordo com as necessidades do aluno, com ou sem deficiência. Assim, os educadores devem estar atentos ao modo como cada estudante aprende e como expressam as informações para avaliá-los adequadamente (KATZ, 2014).

De acordo com Ribeiro e Amato (2018), o currículo pedagógico deve obedecer a quatro componentes, são eles, objetivos, avaliação, métodos e materiais (Adaptado de RIBEIRO e AMATO, 2018).

- **Objetivo:** definem os conhecimentos e habilidades que os alunos devem compreender e desenvolver.
- **Avaliação:** acompanha e averigua o processo de aprendizagem do aluno para elaborar e realizar ajustes no currículo, com base nas suas potencialidades. A avaliação deve utilizar diversos métodos e o seu resultado indica o conhecimento que o aluno adquiriu.
- **Métodos:** devem cumprir cada rede de aprendizagem.

Afetiva

proporcionar níveis de desafios diferentes, diversas ferramentas de aprendizagem, diversos contextos de aprendizagem e recompensas.

Estratégica

utilizar modelos flexíveis de execução das práticas de ensino e de aprendizagem, realizar o feedback contínuo aos alunos, a prática do professor como suporte, proporcionar oportunidades para os alunos mostrarem as suas habilidades.

Reconhecimento

garantir diversos exemplos de conteúdo, utilizar recursos e diferentes meios de comunicação para divulgar a informação (e.g., aplicativos, mídias, software, etc.). Os métodos utilizados pelo professor devem obedecer às necessidades de cada aluno, de forma a que todos sejam incluídos em um contexto educacional colaborativo.

- **Materiais:** Devem estar ajustados as metas de aprendizagem definidas e as preferências dos alunos, as quais são oferecidas como opções.



Artigo especial:

DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM

A implementação do DUA deve contar com o apoio de uma equipe multiprofissional, a participação da comunidade e dos pais dos alunos. Por meio destas redes de apoio, o professor conseguirá definir de maneira assertiva as estratégias pedagógicas adequadas, auxílio na resolução de problemas, organizar soluções, avaliação sistemática das práticas e atitudes dos professores no sentido de potencializar o ensino-aprendizagem dos alunos (SOUZA; GOMES, 2019).

Propõe uma mudança no ensino-aprendizagem ao mostrar que é possível a implementação da educação inclusiva por meio de diferentes recursos, evitando, assim, as barreiras para a aprendizagem. Para a sua adequada aplicabilidade, os professores possuem o desafio de mudar as suas práticas pedagógicas, buscar formação continuada e supervisão durante as suas práticas em contexto educativo (SOUZA; GOMES, 2019).

Além disso, as escolas devem modificar a estrutura a nível dos recursos humanos, físicos e pedagógicos, de forma que promovam as mudanças necessárias para que o DUA seja implementado (RENDERS; GONÇALVES, 2020).

Conclusão

O DUA é uma abordagem que procura tornar o currículo acessível a todos(as) os(as) alunos(as). As metodologias de aprendizagem utilizadas possibilitam a adoção de diversos recursos (pedagógico e tecnológico) para apresentar e executar os conteúdos (materiais, técnicas, estratégias), de forma que o aluno se sinta motivado a realizar as atividades propostas. Os(as) alunos(as) possuem a opção de executar e apresentar as atividades de diferentes maneiras, com base nos seus interesses e potencialidades (RIBEIRO; AMATO, 2018).

Importa que o aluno faça parte da construção do currículo pedagógico, pois ao respeitar os seus interesses e competências, favorecerá o sucesso educativo e individual. Além disso, a escola deve assegurar a colaboração entre os pais e professores para evitar que existam barreiras impeditivas, como sejam, obstáculos a participação, exercício dos direitos, comunicação, acesso à informação, liberdade de movimentação, entre outros (BRASIL, 2015).

A educação inclusiva tem o propósito de atender a diversidade por meio das respostas às necessidades de cada aluno. Nesse sentido, o DUA é um método que permite a participação e a aprendizagem de todos(as).

Referências

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 3 dez. 2020.

CENTER FOR APPLIED SPECIAL TECHNOLOGY (CAST). About universal design for learning. CAST, 2013. Disponível em: <http://www.udlcenter.org/aboutudl/whatisudl>. Acesso em: 25 maio 2020.

CENTER FOR APPLIED SPECIAL TECHNOLOGY (CAST). National Center on Universal Design for Learning, CAST, 2011. Disponível em: <http://www.udlcenter.org/aboutudl/udlguidelines/principle3>. Acesso em: 25 maio 2020.

CENTER FOR APPLIED SPECIAL TECHNOLOGY (CAST). **UDL & the learning brain**. Wakefield, MA: Author, 2018. p. 1-3. Disponível em: <http://www.cast.org/our-work/publications/2018/udl-learning-brainneuroscience.html>. Acesso em: 26 maio 2020.

CENTER FOR APPLIED SPECIAL TECHNOLOGY (CAST). **Universal design for learning guidelines version 2.1 [graphic organizer]**. Wakefield, MA: Author, 2014. Disponível em: http://udlguidelines.cast.org/binaries/content/assets/udlguidelines/udlg-v2-1/udlg_graphicorganizer_v2-1.pdf. Acesso em: 3 dez. 2020.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina; AMARAL, Mara Solange da Silva; OLIVEIRA, Fátima Satin Pretti de. Desenho universal para aprendizagem: um percurso investigativo sobre a educação inclusiva. **Revista Intersaberes**, v. 15, n. 34, p. 1-18, 2020.

FUNDAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Acesso à escola e ao ambiente de aprendizagem II: ambiente físico, informação e comunicação**. Nova York: [s.n.], 2014.

GEIA, M. L.; BERNARDI, N. **Inclusão de parâmetros de desenho universal em arquitetura e urbanismo: análise iconográfica de cartilhas de acessibilidade, ergonomia e inclusão**. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade, na área de Arquitetura Tecnologia e Cidade) — Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp, Campinas, SP, 2020.

KATZ, Jennifer. Implementing the three block model of universal design for learning: effects on teachers' self-efficacy, stress, and job satisfaction in inclusive classroom K-12. **International Journal of Inclusive Education**, v. 19, n. 1, p. 1-20, 2014.

MEYER, A.; ROSE, D. H.; GORDON, D. **Universal design for learning: theory and practice**. Wakefield: CAST Professional Publishing, 2014.

Artigo especial:

DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM

PLETSCH, Márcia Denise; SOUZA, Flávia Faissal de; ORLEANS, Luis Fernando. A diferenciação curricular e o desenho universal na aprendizagem como princípios para a inclusão escolar. **Revista educação e cultura contemporânea**, v. 14, n. 35, p. 264-81, 2017.

RENDERS, Elizabete Cristina Costa; GONÇALVES, Maria Aparecida do Nascimento. Os princípios do design universal para aprendizagem como suporte para a prática docente inclusiva. **Ensino&Pesquisã**, União da Vitória, v. 18, n. 3, p. 104-20, 2020.

RIBEIRO, G. R. P. S.; AMATO, C. A. L. H. Análise da utilização do Desenho Universal para aprendizagem. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 18, n. 2, São Paulo, p. 125-51, 2018.

SILVA, Viviane; GOMES, Maria; SOUZA, Ranniéry. Desenho universal para aprendizagem, acessibilidade web, usabilidade no e-learning e usabilidade pedagógica. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación**, n. 13, p. 13-287, 2017.

SOUZA, Marisa Mendes Machado de; GOMES, Suzete Araujo Oliveira. Inclusão em educação para estudantes com deficiência intelectual na perspectiva do desenho universal para aprendizagem. **Revista Aleph**, n. 32, p. 246-65, 2019.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Educação Unisinos**, v. 22, n. 2, p. 147-55, 2018.

*Curso de Extensão SAE em
tempos de Pandemia*



Formadoras

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Revisando conceitos e práticas de AEE para estudantes da Educação Especial

Introdução

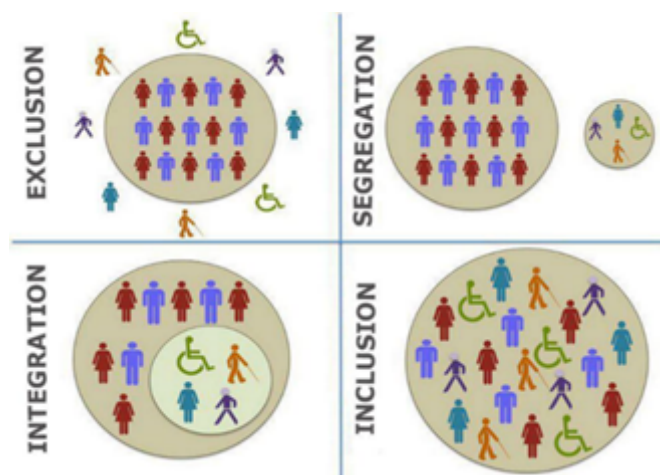
O Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem se mostrado um importante apoio no desenvolvimento dos processos de aprendizagem dos(as) alunos(as) com deficiência, desenvolvendo suas ações e intervenções, levando em consideração as necessidades específicas de cada aluno e de cada deficiência, buscando na elaboração do estudo de caso ferramentas adequadas para a construção do Plano de Atendimento Individualizado do(a) aluno(a), assim como, promovendo um espaço de aprendizagem.

Cabe ao AEE, no contexto da escola comum, fomentar espaços de diálogo, perceber as possíveis barreiras, apresentar para os alunos com deficiência recursos, ferramentas e acesso à aprendizagem. O AEE deve ser responsável pela criação de redes de apoio à estudantes com deficiência.

Atualmente, o trabalho do(a) professor(a) especializado ultrapassa a sala de recursos multifuncionais, articulando-se, não somente dentro da escola, mas também em espaços além dos muros da instituição.

A eliminação de barreiras será um dos primeiros desafios que um(a) professor(a) de AEE enfrentará, a partir de barreiras atitudinais, ainda muito presentes no cotidiano da escola, bem como na luta por espaços acessíveis. Na imagem abaixo percebemos momentos diferentes do atendimento à deficiência no decorrer do tempo. Com o AEE pretendemos eliminar as barreiras, realizando um trabalho articulado entre todos os profissionais, com uma escuta atenta às famílias, chegando assim ao modelo inclusivo.

Imagem 1 - Momentos do atendimento à deficiência no decorrer do tempo.



Fonte: Les perspectives d'e-Inclusion dans le secteur du handicap mental.
Disponível em <https://journals.openedition.org/terminal/419>.

Revisando conceitos e práticas de AEE para estudantes da Educação Especial

Na educação brasileira a principal estratégia de acessibilidade na escola consiste no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas, garantindo o acesso e participação dos alunos com deficiência na escola comum, este serviço é pautado na valorização de todo ser humano, acreditando no potencial e na superação das dificuldades.

A legislação brasileira garante políticas públicas pautadas na equidade de direitos. Aos(as) professores(as) do AEE cabe uma ação pedagógica especializada com conhecimentos sobre atividades e ações voltadas às necessidades educacionais específicas dos alunos com deficiência.

O papel do(a) professor(a) de AEE

O(a) professor(a) do AEE precisa saber exatamente qual é a finalidade de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade para que realmente as barreiras sejam eliminadas e a inclusão da pessoa com deficiência de fato ocorra. É fundamental pensar e planejar o contexto educativo do AEE, refletindo sobre os sujeitos envolvidos, o papel das instituições (se promovem ou não ações inclusivas), participação da família e da comunidade onde a escola está inserida.

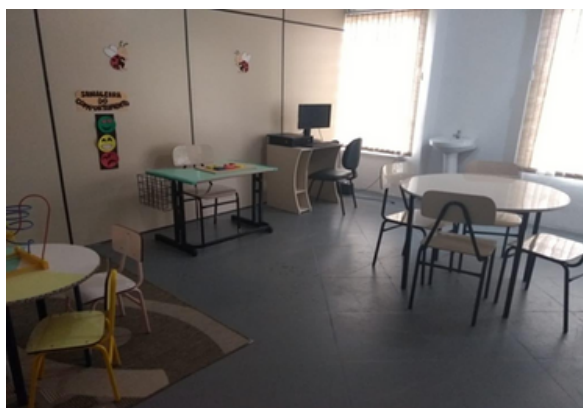
A postura do(a) professor(a) do AEE deve respeitar as diferenças, construindo suas ações pedagógicas de forma estruturada, refletindo sobre sua prática, registrando os procedimentos utilizados, realizando uma interlocução entre o que está registrado e o que de fato é realizado. É imprescindível a articulação entre o(a) professor(a) do AEE e demais professores(as), com o acompanhamento e envolvimento da equipe diretiva.

A organização do Atendimento Educacional Especializado considera as especificidades de cada aluno(a). Alunos(as) com uma mesma deficiência ou Alta Habilidade poderão necessitar de atendimentos diferenciados. É necessário ver cada aluno(a) como único(a), conhecê-lo(a), levando em consideração o contexto em que está inserido(a). Tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos(as) estudantes, considerando suas necessidades específicas.

Reverendo conceitos e práticas de AEE para estudantes da Educação Especial

A imagem abaixo mostra a organização de uma sala de recursos multifuncionais, que pode variar de tamanho, havendo organização de salas tipo I e tipo II. A sala tipo II é acrescida de materiais para cegueira e baixa visão.

Imagem 2 - Organização de uma sala de recursos multifuncionais.



Fonte: imagem cedida do acervo do Centro de Atendimento ao Autista.

Cabe ao(à) professor(a) do AEE a organização e estruturação da sala, bem como a articulação com os demais profissionais da escola e com a família ou responsáveis pelo(a) aluno(a). Professores(as) do AEE devem se atualizar continuamente, utilizando a tecnologia como instrumento para facilitar e, muitas vezes, promover o acesso do(a) aluno(a) à aprendizagem. A Tecnologia Assistiva é constituída por materiais escolares e pedagógicos acessíveis, comunicação alternativa e recursos de acessibilidade, tabletes, notebook, computadores, recursos para mobilidade, localização, sinalização, e mobiliário adaptado que atenda às necessidades posturais, vocalizadores, máquina e impressora Braille, e muitos outros.

AEE e ensino remoto em tempos de pandemia

Com a chegada da pandemia ao Brasil, as escolas fecharam suas portas e um novo desafio surgiu, como atender os(as) alunos(as)? De que forma levar conhecimento aos(às) alunos(as)? As diferentes realidades da educação pública espalhadas pelos muitos municípios, diferentes contextos das famílias e a dificuldade de acesso à tecnologia digital foram grandes desafios.

Se para os(as) alunos(as) sem deficiência que pertencem a um grupo desfavorecido economicamente as dificuldades foram grandes, para alunos(as) com deficiência foram ainda maiores. E o AEE? Como fica? Como transpor estas novas barreiras, como atuar neste momento? Na imagem a seguir uma charge com assunto bastante atual, cujo contexto serve para atendimentos presenciais como para atendimentos remotos.

Revisando conceitos e práticas de AEE para estudantes da Educação Especial

Imagem 3 - Charge Mafalda.



Fonte: Planejamento pedagógico e avaliação da aprendizagem
Disponível em <https://walkiriaroque.com/page/3/>.

Segundo as orientações do Ministério da Educação (MEC), as atividades remotas devem contemplar os(as) alunos(as) com deficiência. O(a) professor(a) do AEE deverá articular-se de maneira, ainda mais, efetiva aos demais profissionais, ajudando nas adaptações, na elaboração de currículos adaptados e currículos mais flexíveis. O melhor caminho é planejar, não improvisar. Trabalhar de forma articulada e dialógica com a escola e com a família. É fundamental compreender a dinâmica familiar, para isto a manutenção do vínculo não só é necessária, mas também será o elo que possibilitará o acesso ao(à) aluno(a). Para cada aluno(a) com deficiência um olhar atento, observando seu comportamento e qual acesso à tecnologia a família possui.

Assim como os(as) professores(as) da sala de aula comum se adaptaram, professores(as) do AEE se reinventaram, desenvolvendo um importante papel na inclusão de alunos(as) com deficiência na escola virtual, trabalhando na garantia de direitos de atendimento, de currículos flexíveis, de adaptação de atividades, de participação dos(as) alunos(as) nas novas rotinas.

Produção de materiais acessíveis

Relatando a experiência

Com a pandemia da Covid-19, o cenário mundial sofreu diversas alterações e, na educação, o ensino remoto foi uma das alternativas encontradas para manter o vínculo dos(as) alunos(as) com a escola e, conseqüentemente, envolvê-los(as) no processo de ensino e de aprendizagem.

Sabemos que 2020 foi um ano atípico e exigiu esforços para a realização do trabalho pedagógico. Assim, o desafio se constitui na realização das atividades em ambientes distintos da escola. Para tanto foi preciso construir estratégias, dentre as quais, o trabalho e a mediação com os(as) cuidadores(as) (pais e outros) para que estes(as), pudessem realizar as tarefas com as crianças.

A realidade brasileira é marcada pela diversidade existente em todos os campos, do educacional ao social, perpassando pelo econômico. Se em períodos normais os desafios são enormes, diante de uma situação emergencial as dificuldades tornam-se mais evidentes. A fim, de exemplificar tal situação, temos a Internet que de fato permite uma aproximação entre seus usuários, porém não é a realidade de todos(as).

Na escola o ensino colaborativo tem sido o diferencial para favorecer a inclusão, envolvendo a parceria direta entre professores(as) da sala de aula e do AEE. No entanto, nesse período, tornou-se urgente firmar parceria com os(as) cuidadores(as) dos(as) alunos(as) a fim de que pudessem exercer a função de mediador(a). Afinal, “mediador é aquele que interage de tal forma que faz a aprendizagem se tornar real, constante e autogeradora” (Meier, 2016). Assim, mediar é uma tarefa instigante e, ao mesmo tempo, extenuante, pois nem sempre as estratégias pensadas e lançadas atingem seus objetivos e é preciso recomeçar, pois sempre é possível aprender, para tanto temos que ver como está sendo ensinado.

Em relação à elaboração de recursos acessíveis há de se considerar que, independente do recurso, diversos fatores influenciam na utilização dos mesmos, quer seja o *status* de desenvolvimento da criança, a organização do ambiente e a expectativa do(a) mediador(a).

Produção de materiais acessíveis

Em virtude disto, ressalta-se a importância em se manter uma relação de parceria entre todos(as) os(as) que estavam em contato com as crianças, a fim de que, desta forma, possam ser pensados e elaborados materiais que sejam significativos nesse momento.

Observemos a seguir alguns dos materiais acessíveis desenvolvidos durante o período do Curso SAEE em tempos de Pandemia.

Rotinas e agendas motoras

Público alvo: crianças que necessitam de ação física (habilidades motoras).

Objetivo: oferecer informações sobre o que vai ocorrer.

Material: rélias representando os momentos significativos para a criança (entrada, lanche, banheiro, saída).

Rotinas e agendas com imagens

Público-alvo: destinada as crianças e pessoas que compreendam imagens, normalmente, realizam combinações de classe e categorias.

Objetivo: previsibilidade sobre o que vai ocorrer.

Material: base com velcro (ou imã), fichas contendo os principais momentos a serem trabalhados.

Rotinas e agendas com escrita

Público-alvo: crianças que interagem com a leitura e escrita.

Objetivo: organizar o dia.

Material: base, fichas, caneta.

Legal x não legal

Público-alvo: alunos com dificuldades em lidar com o “Não”.

Objetivo: estimular comportamentos considerados adequados com o legal e apresentar o Não sem usar a palavra, mas de modo a se fazer ser compreendido.

Material: Mão em EVA com enchimento e pedacinhos de velcro para fechar os dedos.

Produção de materiais acessíveis

Trabalho com combinados

Público-alvo: crianças com dificuldades em aceitar os combinados.

Objetivo: retomar, individualmente, toda ação considerada perigosa realizada pela criança.

Material: chaveiro individual para acompanhar em todo local, placas a serem anexadas nos locais perigosos, fichas com cobertura removível para serem usada durante o diálogo com a criança.

Ampulhetas

Público-alvo: crianças com dificuldades nos comportamentos básicos como, por exemplo, sentar.

Objetivo: aumentar o tempo de foco nas atividades.

Material: garrafas pets, areia, colorida, cola quente, fita durex colorida, prego, vela acesa, lixa.

Variação: as ampulhetas podem ser usadas em diversas outras atividades, incluindo a noção do tempo.

Temporizador

Público-alvo: crianças com pouco tempo de duração nas atividades ou de permanência nos locais.

Objetivo: ampliar a tolerância nas atividades ou nos ambientes. Material: preferencialmente, usar personagens de sua área de interesse, como forma de envolvimento.

Variação: pode-se usar objetos de diferentes tamanhos e à medida que o tempo for passando ir trocando, do maior para o menor e, posteriormente, estabelecer outras formas de combinação, por exemplo por cores.

Sequências

Público-alvo: crianças que estão ampliando a oralidade.

Objetivo: organizar a sequência de acordo com os passos.

Material: Base, fichas com imagens, imagens e palavras.

Atividades com gel

Público-alvo: crianças em fase de exploração de diferentes materiais.

Objetivo: realizar pareamento de letras, números, objetos em ambiente gelatinoso.

Material: saco zipado com gel, base plastificada, letras, números ou objetos de acordo com a base.

Produção de materiais acessíveis

Histórias

Público-alvo: crianças atendidas online

Objetivo: estimular a leitura interativa.

Material: livro de história com a contadora, imagens dos personagens com palitos com a criança.

Logo, os recursos mencionados neste texto, são alguns dos exemplos que os(as) professores(as) podem criar para trabalhar com os(as) alunos(as) mesmo em contexto de isolamento social.

Que as experiências relatadas sirvam de inspiração para docentes do Atendimento Educacional Especializado.

Referências

MEIER, Marcos. **Especialista fala sobre mediação da aprendizagem.** Disponível em: <https://metodosupera.com.br/especialista-fala-sobre-mediacao-da-aprendizagem/> Acesso em 01/out/2020.

ANDRÉIA MARIA AMARAL SILVEIRA
VALÉRIA URDANGARIN BORBA
PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS

Tecnologia Assistiva, metodologia e recursos adaptados: contribuições para a acessibilidade no contexto pandêmico

Introdução

Neste espaço, procura-se trazer, aos leitores, um pouco das referências orientadoras e práticas sugeridas e desenvolvidas na disciplina de Tecnologia Assistiva: Metodologia e recursos adaptados.

Antes de abordar a tecnologia assistiva, é importante refletir sobre o conceito de **Tecnologia**. Em geral, esta palavra é relacionada com computadores, smartphones e demais recursos digitais da atualidade. Na verdade, a tecnologia é bem mais antiga. Para compreender isso, é necessário ponderar que estas tecnologias digitais atuais foram desenvolvidas após muita pesquisa e desenvolvimento de recursos e técnicas, para que se tornassem concretas e eficientes.

A comunicação escrita é um bom exemplo de que foram necessários muitos recursos naturais modificados, assim como técnicas para registrar ideias. Primeiramente, com sangue de animais e outros pigmentos nas paredes das cavernas, depois em couro, tecidos, papiros e papéis. O certo é que um grande caminho foi percorrido entre a época dos copistas até a invenção da imprensa no século XV. De fato, houve muita história, conhecimento e técnicas para hoje usufruirmos de uma comunicação síncrona e digital, possível de ser realizada na palma das mãos, em um smartphone.

A tecnologia possibilita, pois, a materialização do saber e da coletividade humana. Por conta disso, é muito importante ter em vista que a **Tecnologia** é um conceito muito amplo que vem englobando as ferramentas, as técnicas e recursos produzidos pela humanidade, ao longo das épocas.

De forma geral, constitui todo o conhecimento humano que tem gerado recursos e serviços destinados a facilitar e melhorar nossas vivências, relações e desenvolvimento.

Tecnologia Assistiva, metodologia e recursos adaptados: contribuições para a acessibilidade no contexto pandêmico

Para auxiliar neste processo de construção de um ambiente acessível e inclusivo, foi desenvolvido o programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (SMR). No âmbito escolar, as SRM, são espaços que visam ofertar serviços, recursos de acessibilidade e materiais pedagógicos, promovendo autonomia e independência no ambiente educacional e social (GARCIA, 2017).

A disciplina de Tecnologia Assistiva: Metodologia e recursos adaptados, vem ao encontro desta proposta, ao indicar o desenvolvimento de alternativas para o Atendimento Educacional Especializado (AEE). O foco desta disciplina foi principalmente colocado em recursos e estratégias para o período de trabalho remoto, em função da pandemia. Nesse sentido, serão apresentados alguns recursos possíveis de serem elaborados ou adaptados para utilização remota, dentro de uma estratégia de ensino elaborada pelo professor responsável pelo AEE.

Na próxima seção, trataremos da adaptação de recursos para auxiliar a superação deste obstáculo do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Recursos Educativos Adaptados

Um computador, um tablet, um smartphone ou a rede de internet não são geralmente acessíveis ao contexto social das famílias e escolas. Por outro lado, mesmo com a riqueza de recursos digitais, muitas das necessidades são atendidas por recursos concretos. Assim sendo, urge a necessidade de disponibilizar aos professores e à comunidade escolar em geral alternativas à aquisição destes recursos.

A alternativa sugerida foi o tema do último tópico da disciplina, intitulado: Recursos Educativos Adaptados com materiais alternativos. Durante o desenvolvimento deste tópico, foram apresentadas estratégias para diminuir o custo para aquisição e desenvolvimento de recursos, de forma a garantir o apoio necessário aos alunos, sem diminuir a qualidade da assistência. Como atividade final, foi solicitada a elaboração de um recurso didático, priorizando materiais alternativos e de baixo custo.

Tecnologia Assistiva, metodologia e recursos adaptados: contribuições para a acessibilidade no contexto pandêmico

O processo de elaboração e adaptação de um recurso é algo dinâmico e que depende principalmente da efetiva usabilidade do mesmo por parte do aluno, que é o motivo principal para o desenvolvimento do recurso e a maior fonte de informações para aprimorar nosso recurso adaptado. Para realizar esta adaptação, é trazida a indicação de Manzini & Deliberato (2006, p.9), que pontuam o aspecto único de cada necessidade e, conseqüentemente, da ajuda técnica/recurso produzido. A Figura 1 apresenta, resumidamente, os passos na criação/adaptação de um recurso.

Figura 1- Fluxograma para o desenvolvimento de ajudas técnicas.



Fonte: Adaptado da figura original de Manzini & Deliberato (2006).

Tecnologia Assistiva, metodologia e recursos adaptados: contribuições para a acessibilidade no contexto pandêmico

Complementando os passos indicados, deve-se tomar em consideração as observações de Bersch (2013), que recomenda que os seguintes aspectos sejam valorizados:

- Considerar mais do que somente o tipo de deficiência para escolha de uma tecnologia assistiva, ou seja, partir da necessidade real do aluno e não dos recursos concedidos.
- Definir de forma clara o problema enfrentado pelo aluno, bem como sua escala de prioridade, envolvendo o mesmo na definição do problema e na seleção do recurso.
- Apresentar ao aluno os benefícios, exigências e necessidades do seu envolvimento, para que o recurso possa ser utilizado com eficiência.
- Considerar o ambiente no qual o recurso será utilizado e inserido.
- Ter clareza e compreensão dos objetivos com base nos quais o recurso será desenvolvido.

Tendo como base estas indicações da literatura, acentua-se a importância da adequação do recurso de TA à necessidade de apoio e desenvolvimento de potencialidades do aluno. Para que esta condição seja respeitada, os cursistas foram orientados a pensar a partir de questões norteadoras, considerando-as na tarefa de adaptar ou elaborar um recurso didático no âmbito do AEE.

Estas questões auxiliaram o processo de desenvolvimento da tarefa final da disciplina, que foi a de desenvolver um recurso adaptado para auxiliar no processo de aprendizagem/desenvolvimento de um dos alunos atendidos por estes professores. A partir da solicitação desta tarefa na disciplina, houve o engajamento dos cursistas, recebendo três centenas de propostas de recursos, relacionados com as necessidades específicas de seus alunos, acompanhados de estratégias para desenvolvê-las tanto no período de ensino remoto, quanto para o retorno às aulas presenciais.

Dos trabalhos enviados, duas dezenas foram selecionados e autorizados para a publicação pelos cursistas. Os recursos, acompanhados das estratégias produzidas, podem ser encontrados nesta publicação. Nunca é demais reforçar que os recursos apresentados devem ser considerados para a utilização a partir dos critérios de adequabilidade indicados pelos autores referenciados neste texto.

Tecnologia Assistiva, metodologia e recursos adaptados: contribuições para a acessibilidade no contexto pandêmico

Conclusão

Espera-se que este material seja utilizado de forma consciente e que sirva como suporte às atividades desempenhadas por demais professores e familiares e que o centro de todo o processo educativo seja sempre os nossos alunos e o trabalho dos professores de AEE.

Além dos trabalhos, que serão apresentados na sequência, no **Apêndice 1** é possível encontrar alguns recursos digitais que podem ser de grande auxílio para os professores, principalmente nos períodos de trabalho remoto, em função da pandemia. O material pode ser consultado a partir do tipo de necessidade a ser dado suporte.

Finaliza-se, salientando o empenho destes professores que, em um período tão turbulento nos campos profissionais, sanitários e comunitários, deram tanto do seu tempo para aprimorar sua prática e, assim, melhor atender aos seus alunos.

Referências

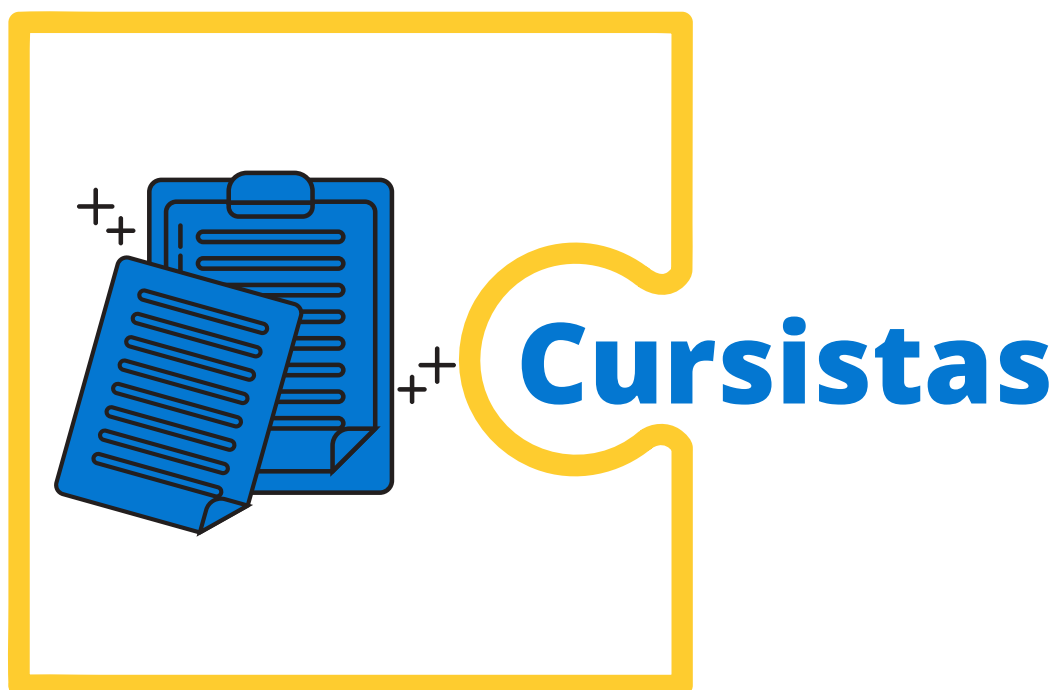
BERSCH, Rita. **Recursos pedagógicos acessíveis: tecnologia assistiva (está) e processo de avaliação nas escolas**. Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Recursos_Ped_Acessiveis_Avaliacao_ABR2013.pdf. Acesso em: 3 jun. 2020.

GARCIA, Jesus Carlos Delgado (org.). **Livro Branco da tecnologia assistiva no Brasil**. São Paulo: ITS BRÁSIL, 2017.

MANZINI, Eduardo José; DELIBERATO, Débora. **Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para comunicação alternativa**. 2. ed. Brasília, DF: [MEC, SEESP], 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas_tec.pdf Acesso em: 30 nov. 2020.

ALLINE BETTIN DE OLIVEIRA
DOUTORANDA EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
E TECNOLOGIA EDUCATIVA UMINHO (PT)

*Curso de Extensão SAE em
tempos de Pandemia*



Atividades remotas para alunos com TEA

Relatando a experiência

Atualmente nos encontramos fora do ambiente escolar em decorrência da pandemia da COVID-19. Com o objetivo de reduzir eventuais perdas no processo de aprendizagem dos nossos alunos, foi necessário estabelecermos novas estratégias de ensino neste ano de 2020, incluindo no processo de aprendizagem o uso de novos recursos e ferramentas, a fim de garantir a continuidade do ensino escolar. As estratégias somadas ao comprometimento, responsabilidade e participação ativa das famílias evitou possíveis retrocessos cognitivos, físicos ou socioemocionais.

A estratégia desenvolvida foi pensada para dar continuidade ao desenvolvimento de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que se encontra no 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual, com 12 anos de idade. O estudante apresenta dificuldades expressivas na comunicação, que não é verbal e possui pouca expressão.

A fim de aprimorar a comunicação, no âmbito da mediação familiar e priorizando recursos e materiais de fácil acesso e confecção, foram desenvolvidas atividades na rotina diária do aluno e na exploração do próprio ambiente.

Segue a lista com algumas das estratégias utilizadas:

- O pareamento de alimentos com seus respectivos rótulos, com o objetivo de reconhecer e verbalizar os mesmos.
- Jogos em dupla com o objetivo de melhorar a socialização.
- Pareamento realizado com materiais domésticos, de fácil confecção, com o objetivo de identificar as expressões.
- Utilização de fotos dos familiares com diferentes expressões.

Esses foram alguns dos recursos alternativos utilizados para aulas remotas, mas que também podem ser utilizados em sala de aula. Essa opção de fazermos uso de materiais e recursos alternativos são de extrema importância e utilidade para alcançarmos os objetivos desejados. Saliento que esse e outros alunos estão se beneficiando com esse modo de realização das atividades, por temos a oportunidade de trabalhar e dar ênfase às preferências de cada um, fazendo assim, com que as atividades sejam mais atrativas e tendo resultados mais relevantes.

Desenvolvimento de habilidades no ensino remoto: aluna com paralisia cerebral

Relatando a experiência

A aluna em questão é bastante comprometida, no seu laudo consta Paralisia Cerebral, Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento e Transtornos Específicos do Desenvolvimento da fala e da linguagem. Ela tem oito anos, cursa o terceiro ano do ensino fundamental, comecei a atendê-la em 2019. Ela sempre faltou muito às aulas, a justificativa era que estava doente. Nesse ano ela não frequentou nenhuma aula presencial, segundo a mãe, por estar enferma. Ela frequenta a APAE de João Pessoa/PB sendo atendida por uma equipe multiprofissional. Ela tem muita dificuldade em se comunicar, quando quer algo ou quando não está gostando de alguma coisa ela grita para se expressar. Na escola tem uma cuidadora exclusiva para ela, pois ainda é muito dependente. Um dos meus objetivos é trabalhar sua autonomia, logo orientava a cuidadora durante o ensino presencial e continuo orientando a mãe nesse sentido. A aluna também precisa aprender a se organizar no espaço e no tempo, precisa melhorar a coordenação motora global, espacial e fina, bem como exercitar o movimento de pinça. Apresenta muita dificuldade de concentração, atenção e de manter o foco. Precisa adquirir os conceitos precursores, como: grande, pequeno, muito, pouco, longe, perto, embaixo, em cima, etc. Ainda não identifica cores, numerais, formas geométricas, letras e símbolos. Com a suspensão das aulas presenciais, entrei em contato com a mãe e propus os atendimentos à distância através do aplicativo *WhatsApp*. A professora da sala não participa, alega não conhecer a aluna e não ter formação na área da Educação Especial.

Minha estratégia de atendimento tem sido a utilização de vídeos, explorando os diversos conceitos e, principalmente confecção de materiais adaptados exclusivamente para ela. Este material eu disponibilizo na escola, com um tutorial escrito e a família busca. Além do tutorial, eu faço áudio ou vídeo, explicando os objetivos e o que deve ser trabalhado. Como a mãe realiza o trabalho de mediação, registra através de fotos ou vídeos e narra como foi feito a atividade, por exemplo: *“Professora eu acho que ela sabe as cores porque eu fui falando e ela pegou quase todos a cor certa, muito obrigado viu.”* (Mensagem do dia 08/09/2020).

Desenvolvimento de habilidades no ensino remoto: aluna com paralisia cerebral

Para elaborar os recursos, utilizo materiais recicláveis, objetos e materiais escolares variados. Com relação a uma adaptação eficiente, penso que esta ocorre quando levamos em conta as necessidades e potencialidades dos alunos, considerando as possibilidades de aprendizagens que o recurso pode oferecer. Cada aluno(a) é único(a), logo os recursos devem ser pensados nas características individuais, daí a importância de conhecermos bem nossos(as) alunos(as). No caso que estou relatando, em cada peça adaptada, procurei projetar as possibilidades de aprendizagens possíveis.

Dentre os vários materiais que adaptei, escolhi para detalhar o Tablado de formas e cores, devido os vários conceitos que podem ser trabalhados, além de organização espacial e coordenação motora fina e a questão da concentração e do foco.

Utilizei na sua confecção: papelão, papel de dobradura, estilete, tesoura e cola, optei pelo papel porque a aluna tem alergia a tinta. A orientação dada à aluna para utilização do material, leva em consideração uma aprendizagem de cada vez. Por exemplo, mandei um vídeo com música sobre as formas, depois de assistir o vídeo, a mãe pegou o tablado e foi mostrando as formas e, permitindo que ela colocasse cada forma no lugar correspondente. Outro dia eu mandei um vídeo tratando das cores, azul, amarelo e vermelho, vermelho para reconhecimento das diferentes cores. Ela foi apontando as cores, quando errava a mãe voltava a perguntar até ela indicar a cor correta. Com relação ao tamanho, enviei rolos de tamanhos pequeno, médio e grande e orientei exploração destes conceitos primeiro com os rolos e depois com as formas.

Em conversa com a mãe da aluna que este material deverá ser explorado inúmeras vezes, de modo a garantir as aprendizagens propostas. A avaliação de aprendizagem das cores nos mostrou que ela aprendeu. Já, quanto às formas e tamanhos, estas precisarão ser reforçadas através de outros materiais providenciados. Com relação à coordenação motora e organização, ela tem avançado, mas o trabalho continua. Quanto à atenção, concentração e ao foco percebemos melhoras, mas variam de acordo com o dia. Os desafios desse período de pandemia são imensos, mas estamos tentando superá-los e acredito que estamos conseguindo.

ELZA LESSA DE CASTRO SANTOS
PROFESSORA MUNICIPAL RESIDENTE NO ESTADO
DA PARAÍBA

Estratégia e recurso para deficiência visual no ensino remoto

Relatando a experiência

A estratégia e recurso descritos a seguir surgiu a partir das especificidades de um estudante com deficiência visual e atraso global no desenvolvimento cognitivo e motor.

Nesse momento nosso objetivo foi estimular e promover o conhecimento de noções de quantidade, conceito que o mesmo ainda não adquiriu.

Considerando o momento atual em que estamos vivendo por conta da pandemia da COVID-19, foi necessário pensar em materiais de fácil acesso para a família, materiais simples de serem confeccionados que não exigissem muito tempo da mesma.

Desse modo, por meio de chamada de vídeo com a mãe, conversamos sobre os materiais que tinham em casa e também a respeito da disponibilidade da mesma em confeccionar o material e jogar com o filho. Toda a proposta contou com três encontros síncronos.

1. Combinações a respeito da disponibilidade dos materiais e tempo da família.
2. Momento para confeccionarmos o material juntos.
3. Momento para explorar e utilizar o jogo.

Confeccionamos um dado, usando uma caixa quadrada de papelão e tampinhas de garrafa. Estas últimas foram pensadas de modo que o estudante pudesse contatar com um material que lhe permitisse criar a imagem mental do mesmo, e assim identificar a quantidade.

Esse recurso foi explorado de duas formas: i) primeiro, trabalhamos as quantidades, usando somente as tampinhas (Figura 1); ii) além de explorar as quantidades, também trabalhamos o movimento de pinça e força nos dedos, usando prendedores de roupa fixando-os em um prato (Figura 2).

O material foi bem aceito pelo estudante. Ainda está em uso e em processo de aprendizagem e busca por atingir os objetivos propostos com o uso do mesmo.

Estratégia e recurso para deficiência visual no ensino remoto

Figura 1 - dado com caixa de papelão e tampinhas de garrafa PET para contagem.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 2 - dado com caixa de papelão e tampinhas de garrafa PET para contagem.



Fonte: Acervo pessoal.

SANDRA MARIA DA ROSA
DOCENTE NA ESCOLA E.M.E.F. PAULO FREIRE
EM PORTO ALEGRE/RS

Estratégia para alunos com TEA e Síndrome de Down no ensino remoto

Relatando a experiência

Faço aqui, um breve relato da estratégia utilizada com meu aluno, aqui identificado como “R.”, durante o período de suspensão das aulas presenciais. O aluno frequenta uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, apresenta Transtorno do Espectro Autista, bem como, a Síndrome de Down. Tem dez anos, faz uso de fraldas, não fala. Movimenta-se, caminhando bem pela sala, e sempre pede apoio a monitora, levando-o pela mão. Entretanto, no tempo que esteve em sala de aula conosco, conseguia, em muitos momentos, ter a iniciativa de chamar os colegas para brincadeiras, fazendo-se compreender.

Com a suspensão das aulas presenciais, a mãe, que já estava um pouco afastada no início do ano letivo, procurou a escola para informar o novo telefone de contato. Em conversa comigo, referiu-me que R. apresentava pouca vontade de participar das brincadeiras com o irmão e até voltou a depender da mãe para algumas ações as quais já tinha autonomia.

Este planejamento foi utilizado como recurso para minimizar o impacto da pandemia no aprendizado e vínculo escolar, mantendo o amparo legal pelo MEC, Parecer CNE/CP nº 05/2020 e criar outra via de acesso para as atividades dos alunos da turma do 3ºA, de uma forma direta e organizada, da qual R. faz parte. Nosso contato para a execução do plano foi a mãe, A., que observaria e desenvolveria as atividades com R.

Foram organizadas atividades de acordo com o desenvolvimento do aluno, dentro de uma perspectiva para a Alfabetização. Trabalhar a possibilidade de ampliar o foco e a atenção, utilizando o ambiente de sua casa e o convívio com o irmão e a mãe. Nessa perspectiva, adaptamos recursos diferentes do que, habitualmente, utilizávamos em sala de aula, bem como por meio de uma metodologia simples e clara para que a mãe pudesse compreender, executar e auxiliar na avaliação para a sequência do planejamento.

Trabalhar a atenção, partindo de objetos de sua fixação, ampliando e diversificando sua lista de desejos. Iniciamos numa proposta de desenvolvimento e manutenção do tônus muscular, por meio da coordenação motora ampla. Também sempre alinhado com o propósito maior de que o aluno se constitua cada vez mais autônomo.

Estratégia para alunos com TEA e Síndrome de Down na ensino remoto

Recursos utilizados como materiais de uso comum: sucata, cordão, fitas, papelão, espelho, prendedores de roupa. Recursos digitais como internet, celular, Youtube. Priorizamos, materiais de fácil acesso e comuns em casa. Como tempo de atividade, foram previstas duas horas para cada exercício, com sistemática de mais de uma vez durante a semana, que é o período entre uma proposta e outra.

Abaixo descrevo o período e a proposta apresentada, de forma clara para facilitar o diálogo entre plano e execução por meio da interpretação da mãe do aluno:

| Período | Atividade Proposta |
|----------------------------|--|
| 02 a 07 de novembro | <p>Vamos para a nossa brincadeira da semana R. e A.?</p> <p>Vamos precisar de um espelho grande onde o R. possa se ver. Posicionada atrás dele fica a mamãe. É muito importante a tentativa de puxar a atenção dele para o que acontece no espelho. Podes pegar a mão dele, A., e iniciar tocando as partes do corpo, nomeando-as, mostrando a ele em cada movimento. Fazer com as partes essenciais do corpo: cabeça, peito, barriga, em cada um dos braços, das mãos, das pernas e dos pés. Depois, frente a frente com ele, mostrar essas mesmas partes nomeadas do corpo na mamãe, sem espelho. Repetir a brincadeira sempre que puder.</p> <p>Pode-se colocar músicas que auxiliem a identificação dos nomes das partes do corpo (por exemplo: Dancinha do Corpo- A turma do seu Lobato).</p> <p>Aqui trabalharemos lateralidade, orientação espaço-temporal e equilíbrio, além do esquema corporal e integração.</p> |
| 09 a 14 de novembro | <p>Oi A.! Para o R. essa semana:</p> <p>Sentados no chão, mamãe e R, sem apoiar as costas, em cadeira, banco, sofá, poltrona, ou até no chão. Mamãe ficará com as pernas estendidas. O R. sentará com as pernas abertas sobre as pernas da mamãe (abaixo do joelho), de frente para ela. Então os dois estendem os braços e dão as mãos. Ambos movimentarão o tronco, simultaneamente, só que em sentidos opostos; farão o movimento para frente e para trás repetidas vezes.</p> |

Estratégia para alunos com TEA e Síndrome de Down no ensino remoto

Período

Atividade Proposta

09 a 14 de novembro

Sempre identificar a parte do corpo em voz alta para o R. seguir assimilando. Faz parte da brincadeira uma canção, que deve ser entoada:

“Serra, serra, serrador Serra o papo do vovô...”

Aqui trabalharemos o tônus (principalmente no padrão extensor do corpo), conhecimento do corpo (esquema corporal), psicomotricidade e orientação espacial.

Olha R. e A., teu teminha! Vamos brincar com um material que já usamos?

Prendedores de roupa!

Atividade 1: prender uma linha (barbante, fio de lã ou linha, cordão, etc) entre as costas de duas cadeiras (ou outras duas bases de apoio, mas que fiquem opostas uma a outra). Esticar o fio. Com vários prendedores de roupa à disposição, o R. vai colocá-los na linha/varal. O maior número possível.

16 a 21 de novembro

Atividade 2: colocar os prendedores num pote (que pode ser de sorvete ou bacia, balde) e que tenha uma borda fina, o R. vai colocar os prendedores todos presos na borda. O maior número possível.

Atividade 3: com um disco de papelão (ou tampa de pote, balde) e que tenha a borda fina, R. vai colocar os prendedores na borda. O maior número possível.

Em todas as atividades desfazê-las, colocando os prendedores de volta no lugar.

Com essa atividade estamos trabalhando as duas coordenações juntas: motora fina (movimento de pinça para abrir o prendedor, força muscular para manusear) e ampla (movimento coordenado para levantar, abaixar, esticar os braços).

Coordenar o corpo, gestos e movimentos.

Estratégia para alunos com TEA e Síndrome de Down no ensino remoto

Período

Atividade Proposta

23 a 28 de novembro

Hoje R. nossa brincadeira é para mexer com o corpo inteiro! Desta vez, vamos de uma brincadeira simples e ao mesmo tempo complexa: Morto-vivo! Crianças lado a lado e de frente para uma que estará sentada. O que está sentado grita bem alto “Morto!” para todos se abaixarem e “Vivo!” para se levantarem. Ele pode fazer junto com seu irmão, mas aqui, não temos vencedor. Vamos tentar realizar a atividade. Esses movimentos são bem complexos, mas é muito importante a tentativa. Serão trabalhados a tonicidade, desenvolvimento de mais padrões locomotores, integração e coordenação espaço-corpo.

Talvez tenha aqui relatado a utilização de tecnologia mais analógica do que digital e mais em metodologia do que recursos, podendo ser classificada como “Baixa Tecnologia, Flexível” (de acordo com os conceitos apresentados no material de apoio da Vídeoaula III). Mas é fato que houve uma adaptação ao conteúdo já flexibilizado ao aluno para esse ano.

Em outros momentos já tive oportunidade de utilizar, especificamente, Tecnologia Assistiva em recursos como a adaptação de lápis com E.V.A. que facilitava o manuseio para um aluno que possuía pouco tônus na mão (não era aluno AEE), como também adaptar os pés de uma classe regular para que o aluno, acidentado e utilizando cadeira de rodas, pudesse ter uma base de apoio para suas atividades.

Até o momento foram percebidas melhorias no desempenho de R., a partir do desenvolvimento deste plano de execução durante a Pandemia, com relação à movimentos que o aluno havia deixado de realizar, segundo sua mãe. E isso inclui estar mais “seguro e dono de si”, segundo relato da mãe, referindo-se a autonomia para muitas ações. Também percebia nele mais controle sobre alguns movimentos, porém não percebia ainda muita evolução no foco e atenção.

Por outro lado, a participação da mãe tornou-se mais qualificada, conseguimos estabelecer um diálogo sobre suas angústias quanto ao desenvolvimento de R. e suas perspectivas quanto às conquistas, tornando seu entendimento um pouco mais lógico e fundamentado.

VANIA MACIEL DA ROSA
DOCENTE NA E.M.E.B. EVA KARNAL JOHANN -
ESTEIO/RS

Estratégia de uso de Jogos no ensino remoto

Relatando a experiência

Sou professora auxiliar na rede municipal de Pelotas/RS e atendo alunos da pré-escola ao 9º ano. Para este trabalho vou apresentar a aluna L., de 9 anos que está no 4º ano.

Com um mês de vida L. sofreu uma parada respiratória e demorou a recobrar a consciência, resultando em paralisia cerebral, limitações intelectuais e físicas, e no uso de cadeira de rodas. Apresenta dificuldades motoras que se manifestam na escrita. Simula a escrita com pequenos rabiscos e sorri dizendo: “eu sei, eu sei escrever.” Necessita de acompanhamento constante para a realização das atividades, mas consegue pintar e traçar garatujas.

A aluna aprecia também jogos no tablet e celular, compreende e sabe utilizar os principais comandos destes dispositivos.

Necessita desenvolver habilidades motoras, visomotoras, de preensão, reconhecimento de numerais, noções de quantidade, contar, agrupar, somar e diminuir, reconhecimento de formas geométricas, consciência fonológica e leitura de palavras com sílabas simples.

Confeccionei os recursos com materiais que tinha em casa e também com E.V.A, mais espesso para facilitar o manuseio e papel adesivo transparente para aumentar a durabilidade. Embora de baixo custo, esforcei-me para que se fizessem atraentes e funcionais. Apresento aqui quatro de todos os recursos desenvolvidos.

| Jogo | Descrição |
|--------------------|--|
| Jogo da memória | O jogo objetiva encontrar os pares e ler as sílabas e formar as palavras. Pode-se começar com menor número de pares e ir aumentando de acordo com a capacidade e interesse da criança. É um recurso que pode trabalhar a leitura de palavras com sílabas simples, a consciência fonológica, a memória e a habilidade motora. |
| Árvores numéricas | O jogo, tem como objetivo encontrar e encaixar a copa da árvore que possui a quantidade correspondente ao numeral apresentado no tronco. O mesmo recurso poderá ser utilizado para trabalhar adição e subtração, numerais de 0 a 9 e habilidade motora. |
| Formas geométricas | O jogo tem como objetivo colocar a forma geométrica na abertura correspondente à figura escolhida, nomeando a mesma. Trabalha as habilidades motoras, figuras geométricas. |
| Prende palavras | O jogo consiste em ler as palavras, identificar a que nomeia o desenho e marcar a mesma com o prendedor de roupas. . Trabalha habilidades para consciência fonológica, leitura de palavras com sílabas simples, apreensão e habilidade motora |

Estratégia de uso de Jogos na ensino remoto

Imagem 1 - Jogo da memória.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 2 - Árvores numéricas.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 3 - Formas geométricas.



Fonte: acervo pessoal

Imagem 4 - Prende palavras.



Fonte: acervo pessoal

JAQUELINE ROSINHA NUNES
DOCENTE NA ESCOLA E.M.E.F. MINISTRO
FERNANDO OSÓRIO - PELOTAS/ RS

Rotina visual para atenuar comportamento disruptivo no ensino presencial

Relatando a experiência

A estratégia apresentada, neste trabalho, refere-se a um recurso de rotina visual para ser utilizado durante os atendimentos com uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), na idade de três anos.

Identificou-se a necessidade de se pensar em alguma estratégia, haja vista que o estudante revelava dificuldades de autor-regulação no momento da separação de sua mãe, o que acabava o desorganizando e prejudicando sua permanência nos atendimentos de forma plena.

Pensando, então, em dar previsibilidade ao estudante, reduzir sua ansiedade em encontrar a mãe e estruturar melhor as propostas, foi confeccionada uma rotina em formato de centopeia (uma vez que o menino possui um bichinho de pelúcia do qual gosta muito).

A ideia era de que o recurso, aliado à rotina, pudesse demonstrar todos os passos dos atendimentos, apresentando ao estudante fotos reais dos recursos que serão utilizados e/ou das atividades planejadas para o dia.

Também foi pensado em deixar mais visível ao estudante sua movimentação ao longo das atividades, através de sua foto fixada em um prendedor, o qual se movimenta após a conclusão de cada proposta.

Ao final da rotina é apresentada a foto da mãe, para que ele possa identificar o momento de finalização do atendimento e o conseqüente encontro com a mesma.

Já se sabe o quanto o estabelecimento de rotinas e estruturas é importante para a criança com TEA, especialmente quando a mesma não consegue se comunicar de forma efetiva. Ao darmos previsibilidade e comunicarmos ao estudante o que irá acontecer, quais atividades irá executar e o que virá depois, conseguimos auxiliá-lo a sentir-se mais seguro. O aluno também passa a visualizar os objetivos que traçamos e o que esperamos dele, reduzindo, consideravelmente, comportamentos disruptivos.

Os materiais utilizados para a confecção desta rotina em formato de centopeia foram: E.V.A de cores diversas, cola quente, velcro adesivo, fotos das atividades, foto da criança, foto da mãe, prendedor, canetinha para CD vermelha e preta, tesoura e plástico Polaseal para proteger as fotografias.

Ensino de Geografia no âmbito do AEE no ensino presencial

Relatando a experiência

A estratégia a ser apresentada, neste trabalho, foi desenvolvida considerando a necessidade de trabalhar os continentes, na aula de Geografia e a identificação de mapas e bandeiras do município, do estado e do país, solicitado pelo professor ministrante da disciplina de Geografia.

A solicitação ocorreu para auxiliar um aluno do nono ano do Ensino Fundamental. O aluno, que aqui será identificado com o nome fictício de Kauan, tinha 19 anos na ocasião e tem Síndrome de *Down*, fala poucas palavras e não é alfabetizado.

Em virtude disto, foi identificada a necessidade de abordar os conteúdos de forma visual e fazê-lo compreender que sua cidade, seu estado e seu país representavam espaços geográficos diferentes, relacionados uns com os outros. Para que fosse possível, inicialmente, foi observado se o aluno compreendia bem as noções de grande e pequeno, maior e menor, dentro e fora. Então, foi sendo trabalhado com outros recursos como quebra cabeças, mapas de E.V.A e, por fim, apresentados os materiais com os quais desenvolveu-se o conteúdo propriamente dito.

Para elaborar esse material, foi utilizado um conjunto de cinco potes de plástico que se encaixam um dentro do outro. O pote menor representa a cidade ou município; o seguinte, o estado e assim por diante até chegarmos ao pote maior que representa o planeta Terra. O objetivo principal era fazê-lo compreender, de forma satisfatória, a representação do país e tentar introduzir a ideia do continente.

No desenvolvimento do recurso, o menino ajudou a identificar os mapas e as bandeiras. Então, recortamos e colamos nas tampas. Eu recortei os que foram colados nas tampas. O menino recortou outros, que depois ele colocava dentro dos potes e, por fim, usamos em outras atividades que ele levou para casa. Após a confecção do material, trabalhamos algumas semanas na Sala de Recursos e os professores puderam usar o material para desenvolver atividades e, inclusive, avaliar o aluno.

Ensino de Geografia no âmbito do AEE no ensino presencial

Conclusão

Kauan gosta muito das tradições gaúchas e de esportes. Então, logo assimilou tudo que se referia ao Estado (que da sua maneira, identificava como “as coisas do gaúcho”) e o que se referia ao país (associava com o time do futebol do Brasil). Quanto ao município, ele apontava para si e dizia “esse meu”, “meu casa”, querendo dizer que esse é dele porque é onde ele mora. Quanto ao continente, Kauan teve mais dificuldade de assimilar, mas conseguiu apontar o Brasil dentro do mapa do continente Sul-americano.

Imagem 1 - Potes com suas respectivas tampas.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 2 - Tampas encaixadas e potes abertos.



Fonte: acervo pessoal.

Estratégia de inclusão de aluna com surdez bilateral no ensino presencial

Relatando a experiência

Neste trabalho será descrita uma estratégia com seus respectivos recursos de tecnologia assistiva e comunicação alternativa para a inclusão de uma aluna, diagnosticada com surdez bilateral. A aluna identificada como “Y”, tem 8 anos, é a única aluna surda da escola e já passou por duas cirurgias, para colocar e remover o implante coclear, pois houve rejeição. É estudante do terceiro ano do Ensino Fundamental, não está alfabetizada, não se comunica em Libras e apresenta dificuldades motoras. Para elaborar a estratégia, foi pensado primeiramente nas singularidades da aluna para comunicar-se e alfabetizar-se, respeitando as necessidades dela. Depois, foram geradas as ideias, escolhendo alternativas e planejando a utilização e escolha dos materiais mais seguros e adequados, para somente então construir, avaliar e acompanhar o uso. Foi proposta a seguinte estratégia: realizar chamadas semanais para interagir individualmente com a aluna e com a mãe, além de participar das aulas em grupo, com colegas e professora. A partir daí foi inicializada a utilização do aplicativo *Hand Talk* para ampliar o vocabulário e a comunicação entre Y. e seus colegas e familiarizá-la à Língua Brasileira de Sinais (Libras), investindo no processo de alfabetização.

Para colocar em prática a estratégia, utilizamos objetos concretos e suas representações, símbolos gráficos, gestos e expressões faciais, juntamente com a Libras. Foi necessária a elaboração de vídeos com a utilização de alfabeto datilológico, dentre outros símbolos.

Seguindo a indicação de Manzini e Deliberato (2006), quando afirmam que “a aparência do recurso em si pode ser muito simples, porém, o seu processo de implementação necessita ser pensado, elaborado e testado em situação prática.” Desta forma, a participação da aluna e da sua mãe foi priorizada desde a seleção do material, confecção e organização do recurso. Além disso, em cada encontro, foram sendo diversificados os assuntos e as atividades, elaborando propostas para comunicação alternativa, que por vezes são muito simples e utilizando materiais recicláveis (bandejas de ovos, tampinhas de garrafa e de caixa de leite, canudinhos, CD).

Na figura a seguir é possível visualizar o recurso elaborado e pronto para o uso, que foi proposto à Y.

As atividades consistiam em fazer tranças, abrir a tampinha, ler a cor (de dentro da tampinha) com datilológico, sinalizar a cor e dar o laço com a cor correspondente (a aluna ainda solicita ajuda da mãe para fazer os laços). Como seguimento, a ideia agora, é catalogar em uma pasta os cartões e os sinais realizados pela aluna para que tenha consigo um sinalário, não apenas com letras e números, mas também, organizado a partir de grupos semânticos: cores, frutas, brinquedos, dentre outros.

Estratégia de inclusão de aluna com surdez bilateral no ensino presencial

Imagem 1 - Recurso desenvolvido.



Fonte: acervo pessoal.

Desenvolvendo estratégias com tecnologias assistivas, foi percebido o envolvimento e a cooperação de todos, o que tem somado para os avanços na aprendizagem não apenas da aluna, mas de todos que convivem com ela, mesmo que de forma remota. Por fim, desejo ratificar, assim como destacado ao longo de nossos estudos, que recursos e estratégias são inseparáveis para dar suporte apoio e ampliar a capacidade de nossos alunos, visando sempre contribuir com seu acesso, participação e consolidação das aprendizagens.

Referências

MANZINI, Eduardo José; DELIBERATO, Débora. **Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para comunicação alternativa**. 2. ed. Brasília, DF: [MEC, SEESP], 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas_tec.pdf Acesso em: 30 nov. 2020.

Sem palavras: livro acessível para alunos com TEA no ensino presencial

Relatando a experiência

Busca-se por diferentes alternativas e métodos para facilitar a aprendizagem, visando a autonomia e a interação dos(as) alunos(as) com deficiência matriculados em escolas comuns. Essas alternativas podem vir a complementar e/ou suplementar a formação social destes(as) alunos(as), e são realizadas na Sala de Recursos Multifuncional (SRM) e nos demais espaços escolares.

Desta forma, permitem que estes(as) alunos(as) sejam, cada vez mais, integrados ao meio, preparando-os(as) como pessoas atuantes e participativas na atualidade. Neste caso a ser relatado, foi percebida uma certa dificuldade por parte dos pais, para lidar com o filho que apresenta Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Fez-se uma entrevista com a família, com a finalidade de conhecer melhor o aluno, matriculado no terceiro ano do Ensino Fundamental. Na turma frequentada, considerada “regular”, este aluno é visto como “visita’ na sala, o que foi observado que dificultou sua inclusão ao meio, interação e a aquisição de conhecimentos. Através desta observação, realizada de forma presencial, procurou-se elaborar estratégias, recursos pedagógicos e Tecnologia Assistiva, traçando metas e objetivos para melhor atender este aluno que não tem regras pré-definidas, sem independência nos afazeres fisiológicos e alimentação.

Primeiramente, foi trabalhada a conscientização dos familiares na construção da autonomia do aluno. Isto, exige esforço e voz ativa. Foi percebido que aluno tem como foco de interesse os círculos, as cordas e histórias infantis. Ao trabalhar com estes elementos, ele sempre se coloca como personagem ativo na história, desenhando a si mesmo em forma de círculos. Assim, procurou-se traçar uma rotina colando imagens de ações em CDs e enumerando-os em ordem de acontecimentos diários. Estes acontecimentos são trabalhados em consonância e ajuda mútua da família através de videochamadas.

Também, foi observado que o aluno adora atividades artísticas, e assim, a professora do Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) procura estar nos atendimentos com ele sempre a desenvolver uma atividade de arte, uma receita de alimento ou um jogo com material reciclado.

Sem palavras: livro acessível para alunos com TEA no ensino presencial

Uma das atividades em destaque é a construção do livro **Sem Palavras**, que o auxilia no reconhecimento das cores, valores e coordenação motora.

Imagem 1 - Livro Sem palavras.



Fonte: acervo pessoal.

Todas as atividades tem o objetivo de proporcionar o conhecimento, o controle das estereotipias e a autonomia nos afazeres diários, sem tanta dependência de um adulto.

Foi possível perceber a entrega da família, quando o desenvolvimento do filho foi nítido.

SIMONE ANTÔNIA APARECIDA DE LACERDA
COORDENADORA PEDAGOGIA DA ESCOLA ESTADUAL
SALVELINO FERNANDES MADEIRA
SANTANA DO PARAÍSO /MG

Geometria anaglífica para criar histórias: experiência no ensino presencial

Relatando a experiência

A estratégia a ser apresentada, neste trabalho, refere-se às crianças com Síndrome de *Down*. A contribuição da Tecnologia Assistiva à educação, aqui se referindo às crianças com esta síndrome, não está voltada para somente expor conteúdos em *softwares*, mas sim tentar estimular e facilitar os processos de ensino e de aprendizagem. Portanto, é estimulada a utilização da Tecnologia Assistiva para que o aluno com deficiência consiga obter um melhor resultado em sua aprendizagem.

Identificou-se a necessidade de estimulação, pois a maioria das crianças com Síndrome de *Down* precisa de apoio nos seus primeiros anos escolares. Cada criança é única, para além da deficiência, guarda características próprias. Alguns fatores que facilitam a aprendizagem são a forte consciência visual e as habilidades de aprendizagem visual, incluindo as capacidades de aprender e usar sinais, gestos e apoio visual e aprender com atividades práticas.

Para isso, a seguinte estratégia de intervenção foi elaborada: **História Maluca utilizando a Geometria Anaglífica.**

A Geometria Anaglífica consiste em imagens criadas para causar um efeito tridimensional, sendo usadas duas cores diferentes, preferencialmente vermelho e azul.

As imagens além de estimular a criança, promovem uma atividade divertida, pois quando associadas a estratégia de criação de uma história oral, ajuda a criança a entender o mundo à sua volta. Elas transmitem valores morais, estimulam suas emoções, a imaginação e a criatividade, além de desenvolver nelas o gosto pela leitura.

A atividade tem seu ponto alto de diversão no uso do óculos tridimensional, assim como imagens bem ilustradas para a estimulação da criança na hora de entrar no mundo da imaginação e criar suas narrativas.

O recurso foi desenvolvido utilizando os seguintes materiais: molde do óculos tridimensional, papel celofane nas cores azul e vermelho, cola, tesoura, fita durex transparente, caixa de papelão.

Libras através de música no ensino presencial para Educação Infantil

Relatando a experiência

A estratégia a ser apresentada, neste trabalho, foi desenvolvida em parceria com a coordenadora do curso de Pedagogia que orienta estagiários que participam do Núcleo de Apoio Integrado ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). Também participou da estratégia a intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) que acompanhava um aluno com surdez profunda bilateral nos dois ouvidos e frequentava a educação infantil na época e a Sala de Recurso Multifuncional (SRM).

Por esta condição, o trabalho desenvolvido foi através da Libras, que é a forma de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil.

Ao chegar ao AEE, o aluno já era fluente em Língua de Sinais, através de um trabalho voluntário desenvolvido com toda a família. Porém, foi identificada a necessidade de estar inserindo o aluno no contexto da sala de aula comum.

Para isso, foi elaborada a estratégia de intervenção através de adaptação de jogos e músicas muito conhecidas e trabalhadas em sala regular, com o objetivo de inserir atividades com cores, números, as letras do alfabeto em Libras e também oferecer a segunda língua. Enquanto a Língua Portuguesa é uma língua oral-auditiva, a Libras, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual, tendo em vista que se utiliza de cinco parâmetros: configuração de mão, locação, movimento, orientação e expressões não-manuais, que são percebidos através da visão.

Para colocar em prática a estratégia, foi necessária a elaboração de recursos, através de jogos e livro com as músicas: **A Galinha do Vizinho** e **Alfabeto em Libras** (alfabeto da Xuxa), onde utilizamos de comunicação e acessibilidade necessários por meio das várias ferramentas do *Boardmaker*.

O recurso foi desenvolvido/adaptado utilizando os seguintes materiais: E.V.A.; velcro; folhas para plastificadora; plastificadora; encadernadora. Como banco de pesquisa na web foram obtidos os seguintes recursos: alfabeto em Libras e técnicas de adaptação em CA com uso de *Boardmaker*.

Posteriormente, também foi desenvolvido um projeto envolvendo Libras com todos os alunos da sala. Com esse trabalho o aluno conseguiu apresentar uma evolução satisfatória. Hoje ele encontra-se no quarto ano e está em processo de alfabetização.

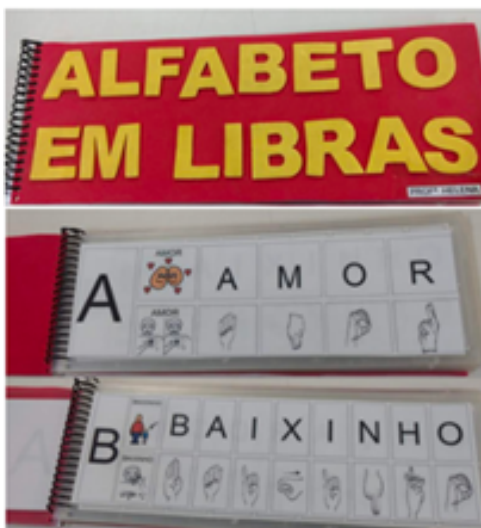
Libras através de música no ensino presencial para Educação Infantil

Imagem 1 - Atividade baseada na música A galinha do vizinho.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 2 - Atividade baseada na música O Alfabeto da Xuxa.



Fonte: acervo pessoal.

HELENA APARECIDA DA SILVA
DOCENTE NO NÚCLEO DE APOIO INTEGRADO AO
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO
MUNICÍPIO DE LINS/SP

Atividade de coordenação motora e texturas com alunos com deficiências variadas

Relatando a experiência

A estratégia a ser apresentada neste trabalho foi uma atividade de arte temática, desenvolvida antes da Pandemia e teve como objetivo trabalhar texturas variadas e coordenação motora com alunos surdos com paralisia, alunos com *déficit* de aprendizagem, crianças com deficiência visual e baixa visão e alunos(as) com dislexia, através de uma atividade que fosse acessível a todos(as) de acordo com suas particularidades.

Para isso, a seguinte estratégia de intervenção foi elaborada: utilizar materiais de uso cotidiano para criar texturas e representações visuais que simbolizavam o momento que estávamos vivenciando na época, no caso a celebração da Páscoa. De forma simples e atrativa para os alunos, adaptei atividades que foram trabalhadas por eles e que no final, serviram de decoração para a culminância do projeto.

Para colocar em prática a estratégia, pesquisei na *Web* gravuras que representavam os principais símbolos da Páscoa; adaptei as gravuras de acordo com as necessidades de cada aluno. As adaptações, podem ser assim exemplificadas: o contorno com cordão para alunos cegos e o contorno com tinta puf para alunos com dificuldade de coordenação como era o caso de um aluno surdo com paralisia de um lado do corpo.

Antes de distribuir os desenhos, explicava o momento que estávamos vivendo e conversava com o aluno sobre o conhecimento que ele tinha acerca do assunto, depois falava sobre os símbolos pascais, reforçando o porque daquela gravura ser um símbolo pascal e o que ela significava para os cristãos, lembrando sempre de falar da importância de se respeitar as crenças religiosas de cada um. Em seguida, distribuía o desenho e os materiais que iríamos utilizar na atividade. Dependendo do aluno, direcionava a atividade e acompanhava sua execução, explicando os materiais que iria usar, sempre conversando se o mesmo já conhecia o material e explicando o porque daquela textura ser a escolhida para representar o desenho. Ao final da atividade, montei um painel decorativo que além de decorar a sala para a celebração da nossa páscoa, ficou acessível para que as crianças com deficiência visual pudessem sentir o trabalho dos colegas através do tato e conhecer os outros símbolos pascais trabalhados pelos demais.

KÁTIA ALÂNDIA FERREIRA DE OLIVEIRA
INTÉRPRETE DE LIBRAS NA E.M.E.F. LUIZA BEZERRA
DE SOUZA IGUATU/CE

Suporte de argolas na iniciação da aprendizagem de uma aluna com TEA

Relatando a experiência

A estratégia a ser apresentada, neste trabalho, foi desenvolvida para atender as especificidades de uma aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ingressante no primeiro ano do Ensino Fundamental na rede privada.

Nossos primeiros dias não foram fáceis, ela ainda não falava, apresentava dificuldades para lanchar de forma autônoma, andava bastante pela sala, permanecia na sala apenas com a porta fechada, precisava ser levada, várias vezes, ao banheiro porque ainda não expressava essa vontade, e, em alguns momentos, se jogava no chão, chorava e gritava.

Fizemos reuniões com a mãe, com a psicopedagoga, que atendia a aluna na APAE, e buscamos entender um pouco mais sobre a sua forma de expressar seus desejos e frustrações para planejarmos os próximos passos.

O diferencial no nosso trabalho foi conseguir estabelecer o contato visual com M. que será identificada para preservar a identidade da aluna. Sempre ao falar, nossa posição era frente a frente, respeitando a altura adequada e conduzindo a mão ou o que ela estivesse segurando até a altura da nossa boca para que ela percebesse a articulação da fala. Através desse exercício contínuo, ela começou a responder ao estímulo da fala e identificar quem falava e o local de onde falava.

Uma das características do TEA é o foco em movimentos circulares. Com M. não era diferente, além disso, ela gostava de livros de histórias infantis e passava muito tempo segurando e girando eles. Partindo desse interesse em movimentos circulares, e do fato de Maria demonstrar sentir-se bem brincando no chão, comecei a planejar e desenvolver um suporte com argolas. O suporte foi idealizado com canos e articulações de PVC. É composto por duas laterais que servem de apoio, ligados por uma barra de cano, onde as argolas são inseridas, de acordo com a quantidade necessária para o trabalho planejado.

Nossa primeira atividade com o suporte foi trabalhar com o tema família. Em cada argola colocamos a foto de Maria e das pessoas que faziam parte do seu convívio familiar.

O objetivo era relacionar e reconhecer a família através das fotos, estimular a linguagem oral através de palavras-chaves (pai, mãe, vovô, vovó, M.) e observar por quanto tempo ela ficaria envolvida na atividade.

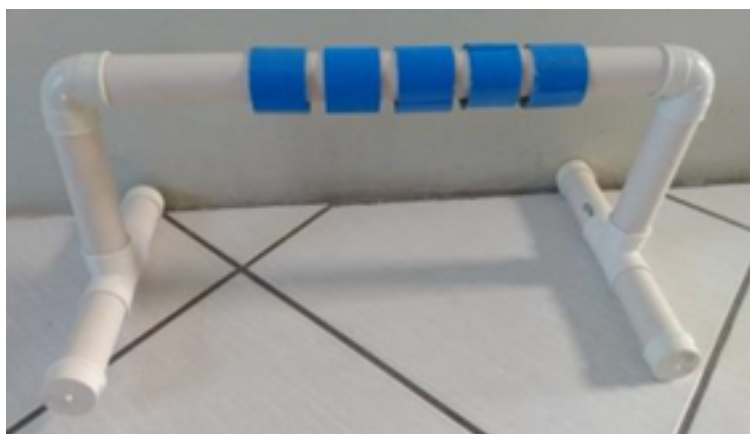
Suporte de argolas na iniciação da aprendizagem de uma aluna com TEA

O suporte foi colocado no chão da sala e a professora auxiliar trouxe a aluna até ele. No primeiro momento, deixamos ela livre para tocar e manusear, observando suas reações. Em seguida, foram realizadas algumas intervenções, apontando cada uma das fotos e questionando quem era a pessoa que estava na foto.

É relevante destacar que utilizamos o mesmo recurso para trabalhar o tema escola. Fotografamos os professores que acompanhavam a turma e lugares da escola que a aluna tinha preferência em permanecer. Nossa intervenção era voltada para que ela fizesse algum reconhecimento das imagens. Por exemplo, a professora de Música foi fotografada com o violão e M. fazia a identificação dela no suporte, sorria e balançava as mãos. Percebemos que ela fez essa relação, porque demonstrava interesse nas aulas de Música e repetia os mesmos gestos, enquanto a professora tocava violão nas aulas.

Os objetivos propostos na utilização do recurso foram alcançados. A aluna identificou e relacionou as fotos, percebemos maior envolvimento dela em uma atividade e arriscando-se nas primeiras palavras. O recurso foi fundamental para entendermos sobre o comportamento da aluna durante uma nova aprendizagem e, a partir dele, foi possível adaptar outros materiais que contribuíram de forma significativa no processo de aprendizagem

Imagem 1 - Suporte elaborado com cinco argolas.



Fonte: acervo pessoal.

Adaptando o conteúdo "Bairro" através do recurso da maquete

Relatando a experiência

O recurso apresentado refere-se à adaptação sobre o conteúdo "Bairro" na disciplina de Geografia, para auxiliar um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que está cursando o 3º ano do Ensino Fundamental.

Foi identificada a necessidade de desenvolver recursos concretos para que ele assimilasse os conteúdos. Dialogando com a professora titular da classe foi possível pensar em como a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) poderia criar um recurso que auxiliasse o mesmo a compreender o conteúdo desenvolvido em sala de aula.

A escola localiza-se no Bairro Três Vendas, na cidade de Pelotas/RS. O conteúdo "Bairro" foi adaptado através do desenvolvimento de uma maquete elaborada com materiais recicláveis. O recurso procura representar as principais ruas e comércios que ficam no entorno da escola.

Considera-se que os objetivos foram atingidos, pois o aluno assimilou o conteúdo através da visualização, contato e manuseio do recurso, elaborado a partir de um contexto conhecido do mesmo.

Imagem 1 - Maquete do Bairro.



Fonte: acervo pessoal.

Recursos pedagógicos para o ensino-aprendizagem de alunos com TEA

Relatando a experiência

A estratégia a ser apresentada, neste trabalho, foi desenvolvida com o objetivo de melhorar o aprendizado dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no âmbito escolar, nos setores da alfabetização e do raciocínio lógico, respeitando a individualidade de cada um.

Para isso, a seguinte estratégia de intervenção foi elaborada, abrangendo dois aspectos primordiais na aprendizagem: a inteligência linguística e a lógico- matemática. Os recursos foram adaptados de maneira concreta, clara e objetiva, de forma que o aluno pudesse entender o objetivo proposto, apenas observando a atividade.

Para colocar em prática a estratégia foi necessária a elaboração dos seguintes recursos:

- uma atividade estruturada do alfabeto, em que o aluno poderá associar as letras, utilizando o movimento de pinça com os prendedores e realizando o pareamento.
- Um jogo matemático estruturado com ênfase na construção das noções de quantidades de 1 a 9 de forma concreta. Nesta atividade, o aluno conta a quantidade de canudos e realiza a correspondência ao numeral sinalizado em cada garrafa, desenvolvendo o campo do raciocínio lógico.

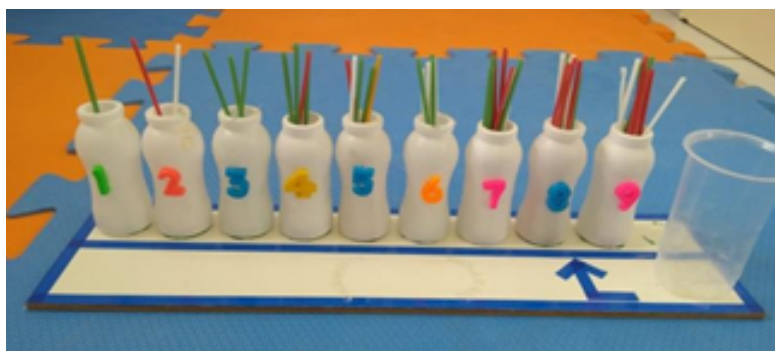
Os recursos foram desenvolvidos utilizando os seguintes materiais: tábuas em mdf para a base (suporte); E. V. A. (letras); durex colorido; canudos; numerais em plástico; garrafas de iogurte; prendedores, alfabeto impresso e cola quente.

Imagem 1 - Associação do alfabeto.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 2 - Noções de quantidades.



Fonte: acervo pessoal.

Tetris: jogo adaptado para uma estratégia de intervenção

Relatando a experiência

Este texto apresentará o trabalho final da Disciplina de Tecnologia Assistiva, Metodologias e Recursos Adaptados.

A estratégia que será apresentada foi desenvolvida com uma aluna de oito anos, cursando o segundo ano do Ensino Fundamental que apresenta Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Foi identificada a necessidade de trabalhar a noção de organização, espaço e raciocínio lógico, pois a aluna apresentava dificuldades que refletiam na capacidade de resolução de problemas. Logo, o objetivo era desenvolver atividades que pudessem aprimorar o raciocínio e aumentar suas habilidades.

Há uma fase da infância que as crianças precisam desenvolver suas habilidades motoras, principalmente a noção de distâncias e a manipulação de objetos. A aluna em questão possuía dificuldade aparente no movimento de pinça, dificultando o uso de lápis, tesouras e materiais de tamanhos pequenos. Para trabalhar estas questões foi desenvolvida uma estratégia de intervenção utilizando o **Jogo Tetris**.

O Tetris é conhecido por ser um jogo de videogame em que peças diversas de três e quatro partes são encaixadas, tendo como objetivo montar as pequenas peças para formar um painel no final.

A primeira contribuição do Tetris é em nível intelectual, de habilidade motora e também de concentração e memória, já que o quebra-cabeça estimula o cérebro. Por isso, o desenvolvimento das habilidades cognitivas é um grande benefício. O fato de tentar encaixar uma peça na outra, é um grande estímulo para o controle dos movimentos dos braços, dos olhos e das mãos.

Logo, o jogo TETRIS tende a estimular a coordenação motora ainda na primeira infância. Esse material adaptado também é um ótimo instrumento de socialização, pois durante a brincadeira a aluna pode interagir, colaborar, competir, conquistar, debater e compartilhar acertos e erros com toda a turma e/ou com a professora do AEE.

O jogo também fomentou a percepção da aluna nas capacidades de observar, comparar, analisar e sintetizar as ideias. Possibilitou também o estudo das cores, formas geométricas e jogo de encaixe.

Tetris: jogo adaptado para uma estratégia de intervenção

Para colocar em prática a estratégia, foi necessária a elaboração do recurso com material de baixo custo.

O recurso foi desenvolvido e adaptado, utilizando os seguintes materiais e técnicas: cartela de ovos, tinta têmpera para a pintura das peças e tesoura. Um modelo foi fornecido à aluna como referência, para a mesma executar a montagem com as peças dispersas de outro conjunto.

Imagem 1 - Modelo de referência do painel.



Fonte: acervo pessoal.

Raciocínio lógico-matemático e percepção sensorial em aluno com paralisia cerebral

Relatando a experiência

As estratégias que serão relatadas foram realizadas com um aluno com Paralisia Cerebral (PC). Foram significativas e necessárias devido à dificuldade do aluno em se locomover, apresentando poucos movimentos, necessitando de material concreto e ampliação de conteúdo visual.

Existem vários tipos de recursos a serem utilizados, podendo ser adaptados com o conteúdo a ser aplicado, devendo ser observadas as dificuldades e especificidades do aluno, a fim de valorizar e aperfeiçoar suas habilidades. O objetivo das estratégias era aperfeiçoar a percepção visual e desenvolver raciocínio lógico-matemático.

Primeira atividade

A primeira atividade teve como objetivo identificar o símbolo do numeral com as suas quantidades, utilizando fichas numéricas e separando a quantidade com as tampinhas.

Para trabalhar com números e suas respectivas quantidades de 1 a 10, foi elaborada uma ficha colorida e ampliada, com fichas maiores para encaixe e classificação dos iguais, nomeando oralmente o numeral e indicando suas quantidades.

Imagem 1 - Centopeia com números.



Fonte: acervo pessoal.

Raciocínio lógico-matemático e percepção sensorial em aluno com paralisia cerebral

Segunda atividade

A segunda atividade teve por objetivo relacionar a imagem de uma maçã com a quantidade correta e ordenar do maior ao menor. Esta atividade teve origem a partir da **Hora do Conto**, em que foi trabalhada a história da Branca de Neve e dos sete anões, para despertar a imaginação e valorizar as histórias infantis. Assim foi elaborada a atividade com números, desenvolvida com recursos reciclados/reutilizados, sendo em forma de Árvore, trazendo a maçã, como item de relação com a história contada.

Imagem 2 - Atividade de encaixe para relacionar números e atividades.



Fonte: acervo pessoal.

As propostas tiveram um bom resultado, obtendo boa aceitação pelo aluno em seu desenvolvimento e compreensão, atingindo os objetivos planejados, respeitando as particularidades e aperfeiçoando suas habilidades.

RENATA CORRÊA PEREIRA
DOCENTE NA E.M.E.I. VALE ENCANTADO
VALE REAL/RS

Recurso adaptado para compreensão do processo de multiplicação

Relatando a experiência

A estratégia a ser apresentada, neste trabalho, foi desenvolvida para auxiliar uma aluna de 8 anos, matriculada em uma escola da Rede Privada de Ensino do Município de Santa Maria/RS, no 3º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2017. A menina recebeu diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), aos 7 anos de idade. Ao perceber as próprias dificuldades, a aluna apresentava atitudes agressivas com as professoras e, por vezes, com os colegas. Normalmente, fugia para a sala de recursos por não querer ficar na sala de aula durante a realização das atividades.

Estava em processo de alfabetização e apresentava dificuldades psicomotoras. Também, foi identificada a necessidade de compreensão do processo de multiplicação, a partir da soma dos números. Para além disso, as noções de espacialidade estavam afetadas. Por conta disso, a seguinte estratégia de intervenção foi elaborada: desenvolvimento de uma tabuada de tecido que pudesse ser utilizada a qualquer momento, tanto na escola quanto em casa. Dessa forma seriam trabalhadas tanto as noções de multiplicação, quanto estratégias de localização e conhecimento espacial.

Para colocar em prática a estratégia, foi necessária a elaboração do seguinte recurso: uma tabuada de tecido macio com cem botões de tamanhos médios. Os botões possuíam a distância de um centímetro entre eles. As cores do tecido e dos botões eram contrastantes, de forma que pudessem chamar a atenção da aluna sem confundir-la.

Para a utilização deste recurso, optamos em iniciar o trabalho com a aluna no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e depois passamos a utilizar na sala de aula regular.

Para utilizar essa tabuada é preciso que a criança identifique os números solicitados para multiplicação, conte em linha ou coluna e dobre o tecido. Posteriormente a criança é incentivada a contar cada botão individualmente para chegar ao resultado. Aos poucos, fomos trabalhando com a construção numérica, de forma que a aluna compreendesse quantas vezes utilizava cada número solicitado, e que isso significa o mesmo que somar determinadas quantidades.

Exemplos:

- $2 \times 5 = 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.$
- $10 = 5 + 5 = 2 + 2 + 2 + 2 + 2.$
- $10 = 5 \times 2$, e assim por diante.

Recurso adaptado para compreensão do processo de multiplicação

Na Figura 2 é possível visualizar o recurso, sendo utilizado para a multiplicação de 2×2 .

Para a localização foi utilizado o mesmo recurso e o mesmo princípio, apoiando objetos sobre os botões de forma que a aluna pudesse movimentar estes objetos até as localizações solicitadas.

A aluna conseguiu utilizar o recurso, compreendendo a multiplicação enquanto soma de determinadas quantidades.

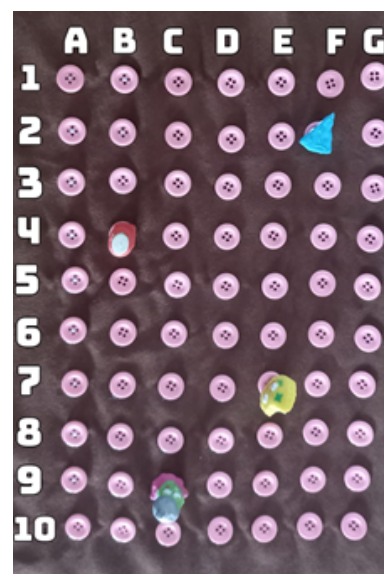
Nessa etapa, ainda não utilizava o raciocínio lógico-matemático para construir os cálculos sem o recurso. Após o período de um ano, com intervenções no AEE e na sala de aula, a aluna conseguiu compreender todo o processo de multiplicação e deixou de fazer uso do recurso.

Imagem 1 - Recurso sendo utilizado para a multiplicação de 2×2 .



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 2 - Atividade de localização.



Fonte: acervo pessoal.

Desenho Universal da Aprendizagem na prática: apoio para os pés no ensino presencial

Relatando a experiência

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância de recursos de Tecnologia Assistiva, no ambiente escolar, baseados no Desenho Universal da Aprendizagem (DUA). Esta vertente de aprendizagem tem a concepção de "produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico" (BRASIL, 2015). O Desenho Universal tem um conceito mais amplo do que a acessibilidade, porque prevê a criação dos produtos que atendam as necessidades de todas as pessoas, para que possam utilizar os espaços, ambientes e objetos da maneira mais natural possível, sem que seja necessário adaptar o ambiente. Além disso, o Desenho Universal entende que os aspectos psicossociais e culturais fazem parte do contexto onde as pessoas estão inseridas.

É por meio da sociedade que as pessoas trocam experiências, influenciam e são influenciados pelo contexto onde frequentam. Apesar de anteriormente não conhecer o termo Desenho Universal, em 2013, como professora de uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, identifiquei a necessidade de oferecer a adequação de mobiliários e materiais, para o desenvolvimento de um aluno com paralisia cerebral (PC), pois é importante que esses alunos com PC tenham um suporte adequado para permitir um bom desenvolvimento escolar. Eles necessitam de recursos pedagógicos adaptados, adaptações no ambiente físico e adequações no mobiliário da escola.

As adaptações têm por objetivo facilitar e possibilitar as atividades escolares realizadas pelos alunos com Necessidades Educativas Especiais, proporcionando um posicionamento adequado de acordo com as necessidades individuais de cada aluno (MELO; MARTINS, 2007).

A estratégia a ser apresentada, neste trabalho, foi desenvolvida ao observar o aluno e perceber que seu posicionamento sentado era incorreto, pois ele não apoiava os pés no chão e não encostava suas costas no apoio da cadeira, porque a cadeira não era adequada ao seu tamanho. Para melhorar o posicionamento do aluno na carteira e cadeira em sala de aula foi encaminhada à direção da escola uma solicitação para adequação do mobiliário escolar deste aluno.

Porém, como alegaram que a aquisição de carteira e cadeira era inviável, devido aos custos elevados, para minimizar a posição inadequada do aluno em sala de aula, foi confeccionado um apoio para os pés.

DTA na prática: apoio para os pés no ensino presencial

Para isso, foi elaborada uma estratégia de intervenção, utilizando-se livros obsoletos, que seriam descartados devido a renovação do acervo naquele ano, que foram embrulhados com uma sacola plástica bem resistente e revestidos com fita adesiva.

O que mais surpreendeu, foi que os demais alunos(as) da turma perceberam que também se beneficiariam se tivessem um apoio para os pés, porque muitos(as) não alcançavam no chão, por isso se apoiavam na borda da cadeira para ter mais equilíbrio ou ficavam balançando as pernas o tempo todo. Além de melhorar a postura dos alunos(as), o uso do apoio embaixo dos pés, contribuiu para que as crianças ficassem mais atentas à execução das tarefas e explicações da professora, uma vez que não precisavam mais se equilibrar sobre a cadeira.

Assim sendo, a adequação do mobiliário e controle postural da criança com PC também beneficiou seus colegas que devido as suas necessidades receberam um apoio para os pés personalizado. O recurso foi desenvolvido, utilizando a quantidade de livros necessária para que cada aluno permanecesse com um apoio embaixo dos pés ao sentar corretamente na cadeira.

Para colocar em prática a estratégia, foi necessário identificar os apoios para os pés com o nome de cada criança, uma vez que os mesmos eram personalizados de acordo com a altura necessária de cada um. A professora e a turma combinaram o momento em que cada um deveria pegar seu apoio para os pés e guardá-lo no final da aula empilhando-os no local combinado. O uso deste recurso foi tão positivo que é usado até hoje, inclusive na Sala de Recursos Multifuncionais onde a professora também trabalha.

Durante os estudos realizados na aula de Recursos Adaptados com materiais alternativos, no Módulo 5 Curso de Extensão em SAEE em Tempos de Pandemia, vimos que conforme as classificações apresentadas por Cook e Polgar (2014), este recurso pode ser categorizado da seguinte forma:

| Classe | Descrição |
|-----------------|--|
| Classe 1 | Por ser um apoio para uma atividade funcional. |
| Classe 2 | Por ser de baixa tecnologia, menos elaborado e mais acessível. |
| Classe 7 | Tecnologia customizada, pois apresenta-se como uma adaptação pensada para utilização por grupos com necessidades específicas, sendo neste caso necessidade de sentar com uma postura adequada. |

DUA na prática: apoio para os pés no ensino presencial

Ao adotar metodologias de aprendizagem adequada, eficiente e ajustada para a promoção do desenvolvimento de todos(as) os(as) alunos(as) foi possível potencializar as capacidades e oportunidades de aprendizagem, uma vez que a eliminação das barreiras arquitetônicas, não só promove acesso, mas também dá condições para interação, pois a impossibilidade de estar e fazer o que os(as) outros(as) alunos(as) fazem, leva a uma diminuição da autoestima.

Imagem 1 - Apoio para os pés.



Fonte: acervo pessoal.

Referências:

BRASIL. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 27.833-41, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 25 nov. 2020.

MELO, F. R. L. V.; MARTINS, L. A. R. Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral na classe regular: a organização da escola. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 13, n. 1, p. 111-30, 2007.

FABIANE GASPARETO
DOCENTE NA E.M.E.F. PROFESSORA VANIA MEDEIROS MINCARONE
BENTO GONÇALVES/RS

Recursos específicos para alunos com TEA no ensino presencial

Relatando a experiência

Este trabalho apresenta três casos de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que apresentaram diferentes necessidades a serem apoiadas com a elaboração de recursos.

Primeiro caso

No primeiro caso, o recurso foi desenvolvido para auxiliar as atividades de escrita de um aluno com TEA, de 10 anos. Foi identificada a necessidade de aumentar a espessura (engrossar) do lápis, pois o aluno apresentava dificuldade em segurá-lo, bem como problemas de coordenação. Para atender a necessidade específica do aluno a estratégia consistia na adaptação do lápis com um pedaço de esponja, utilizada em refrigeração, como material principal. O aluno pintou a esponja com pincel atômico e explorou o material. Depois começou a utilizar a adaptação no lápis preto e nos lápis coloridos.

O recurso pensado para auxiliar o aluno nesta dificuldade foi aceito e trouxe resultados satisfatórios.

Imagem 1 - Engrossador de material alternativo.



Fonte: acervo pessoal.

Recursos específicos para alunos com TEA no ensino presencial

Segundo caso

No segundo caso a ser apresentado, temos a aluna identificada como “A”, é uma menina esperta e ativa, de três anos e meio, também com TEA e que não se comunica oralmente. Brinca, corre e assiste televisão, porém na hora da alimentação era um problema, porque não experimenta alimentos novos, chora e a mãe acaba oferecendo leite na mamadeira.

Assim se percebeu a necessidade de auxiliar a menina a escolher e pedir o que comer, retirando aos poucos a mamadeira. Para isso, foi desenvolvida uma prancha de baixa tecnologia, com a participação dos pais, na qual ambos trabalham com o objetivo de suprir as necessidades da criança.

A participação da mãe foi essencial nos atendimentos na área de comunicação suplementar e/ou alternativa, pois ela é a que mais convive com a criança, sabendo seus desejos, vontades, centro de interesses e suas tarefas do cotidiano.

A parceria com os pais permitiu que a estratégia adotada no atendimento fosse reforçada ou mantida em casa e generalizada nos diversos ambientes sociais, permitindo que os pais se sentissem competentes a ensinar e compreender determinadas habilidades de sua filha.

Imagem 2 - Prancha.



Fonte: acervo pessoal.

Recursos específicos para alunos com TEA na ensino presencial

Terceiro caso

No caso da aluna “S”, de cinco anos, também com TEA e que se utiliza do método ABA, foi confeccionado um recurso para auxiliar em sua rotina.

A aluna precisava de uma rotina visual e de uma organização de tudo que acontecesse durante o seu atendimento. Por isso, foi organizada esta prancha de comunicação com fotos dos jogos, materiais, livros, brinquedos e outros objetos que tem na sala do AEE para organizar os atendimentos.

Na sala de aula comum também há uma prancha com a organização prévia das atividades que serão realizadas.

Imagem 3 - Prancha.



Fonte: acervo pessoal.

*Curso de Extensão SAE em
tempos de Pandemia*



Depoimentos

[

Maritane Pinto Medeiros



"Não trabalho com AEE, mas as dificuldades no período do ensino remoto, como alunos sem celulares e sem internet foram comuns a todos. Imaginei pais que necessitam estar sempre com seus filhos, fazendo atividades e muitas vezes sem materiais.

A partir do que aprendi no curso, meu desafio para o futuro será saber quando meus alunos terão direito e ,até mesmo nós professores, em pedir ajuda ao setor do AEE.

Acredito, após a pandemia, os profissionais do AEE poderão confeccionar materiais, para fazer uma exibição aos professores, mostrando o que tem, até mesmo como fazer para saber usar."

GRADUAÇÃO: PEDAGOGIA UFPEL
PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO/RJ

]



Micheli Katiani Rech



"O AEE tem como objetivo principal eliminar as barreiras para a plena participação dos alunos dentro e fora do espaço escolar, considerando suas necessidades específicas para desenvolver a autonomia e independência dos mesmos. O maior desafio durante o período da pandemia foi o acesso dos alunos às ferramentas digitais, o que possibilitaria uma intervenção direta, considerando ainda a dificuldade das famílias ao auxiliarem nas atividades não-presenciais propostas.

Esperamos no futuro ampliar, junto à gestão, as possibilidades de acesso às ferramentas digitais e tecnológicas e investir e incentivar a formação dos profissionais da educação.

Para o ensino pós-pandemia os professores do AEE devem continuar participando de cursos diversos. Aperfeiçoando seus conhecimentos no que diz respeito às tecnologias. Formação continuada. Aproveitar oportunidades como este curso, explorar as oportunidades oferecidas para ampliar, ainda mais, sua bagagem profissional e acadêmica."

GRADUADA EM PEDAGOGIA ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
PÓS-GRADUADA EM EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE
NEUROPSICOPEDAGOGA INSTITUCIONAL E CLÍNICA



Valéria Rodrigues Silveira



"Durante o ensino remoto o principal desafio foi o atendimento online, sem o contato físico, pois como sou PSICOPEDAGOGA e atendo os alunos com dificuldades de aprendizagem, senti-me impotente em auxiliá-los remotamente.

Acredito que o ensino híbrido veio para ficar e nós, educadores, temos que nos aperfeiçoar e reinventar para atender os alunos com deficiência e esse curso nos apresentou ferramentas e dinâmicas para a otimização do nosso trabalho. Quanto aos próximos passos, penso em construir uma nova proposta metodológica, junto à equipe diretiva e pedagógica, que contemple essa nova forma de ensino para os alunos com deficiência.

A fim de estarmos preparados para o pós-pandemia devemos nos manter atualizados, sempre com novos métodos e ferramentas que tornem o trabalho mais eficaz e de qualidade, trabalhando junto às famílias para a complementação do nosso ofício."

**PSICOPEDAGOGA, VICE-DIRETORA E ORIENTADORA EDUCACIONAL NA
SEDUC/RS E PREFEITURA MUNICIPAL DE ARROIO GRANDE/RS**



Viviane Pereira de Camargo



"Durante o ensino remoto o maior desafio foi alcançar os alunos através da tecnologia.

O curso me mostrou o quanto é possível desenvolver um bom trabalho com o AEE. Os maiores desafios ,certamente, são a falta de estrutura das escolas.

Acredito que, após o ensino remoto, podemos mudar a maneira de pensar e nos abriremos para o novo. Buscando diversos recursos para sanar as dificuldades encontradas."

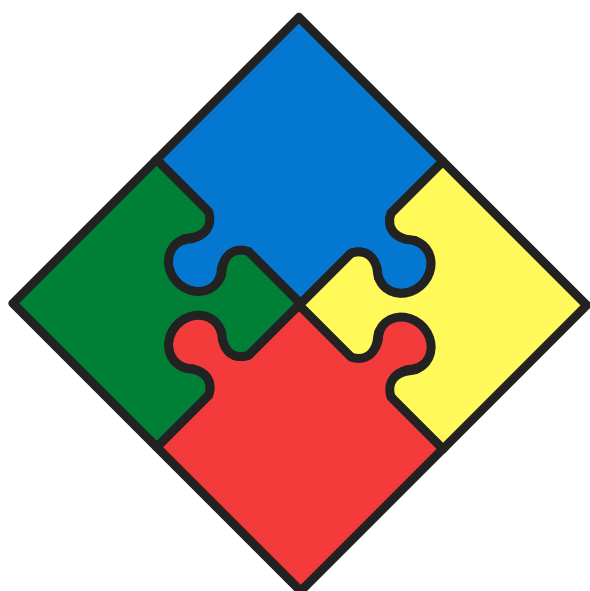
**PEDAGOGA E JORNALISTA
PROFESSORA DE ED. INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL NAS
PREFEITURAS MUNICIPAIS DE COTIA E SÃO ROQUE/ SP**



Apêndice 1: Recursos educativos digitais

| Tipo de deficiência | Recurso | Fonte |
|--------------------------------|---|---|
| Visual | Curso de Braille Virtual | http://www.braillevirtual.fe.usp.br/ |
| | Pepakura | https://tamasoft.co.jp/pepakura-en/ |
| | MEC Daisy | http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/ |
| | Modelos tridimensionais | https://creativepark.canon/en/ |
| | Tocalivros | https://www.tocalivros.com/ |
| | Audiogames | https://deficienciavisual.com.br/ |
| Auditiva | Tradutor de Libras | https://www.handtalk.me/br/ |
| | Glossário de Libras | https://glossario.libras.ufsc.br/ |
| Intelectual | Desenhos roteirizados | http://autismoprojetointegrar.com.br/ |
| | Softwares de apoio ao ensino | http://www.projetoparticipar.unb.br/ |
| Transtorno do Espectro Autista | Pictogramas e Histórias sociais e Comunicação Aumentativa e Alternativa | http://aulaabierta.arasaac.org/ |
| | Prancha Fácil | https://sites.google.com/a/nce.ufrj.br/prancha-facil/home |
| | LetMe Talk | https://www.letmetalk.info/pt |
| | História social- Usando Máscara | https://institutosingular.org/ |
| Transtornos da Aprendizagem | Cubos de histórias | https://blog.cosasmolonas.com/ |
| | EduEdu | https://www.eduedu.com.br/ |

*Curso de Extensão SAE em
tempos de Pandemia*



CADERNO DE EXPERIÊNCIAS E RELATOS



UFPEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA